



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
COLEGIADO DE PEDAGOGIA**

**ANA CINTIA ALVES MACHADO
SARANA LELIS DE SOUSA**

**PRÁTICAS DE LEITURAS LITERÁRIAS NAS TURMAS DO 3º E
5º ANOS DE UMA ESCOLA DA REDE MUNICIPAL DE VITÓRIA
(ES)**

**VITÓRIA
Fevereiro/2014**

**ANA CINTIA ALVES MACHADO
SARANA LELIS DE SOUSA**

**PRÁTICAS DE LEITURAS LITERÁRIAS NAS TURMAS DO 3º E
5º ANOS DE UMA ESCOLA DA REDE MUNICIPAL DE VITÓRIA
(ES)**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Colegiado de
Pedagogia da Universidade Federal
do Espírito Santo, como requisito
para obtenção de grau de Licenciado
em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Amélia
Dalvi.

**VITÓRIA
Fevereiro/2014**

**ANA CINTIA ALVES MACHADO
SARANA LELIS DE SOUSA**

**PRÁTICAS DE LEITURAS LITERÁRIAS NAS TURMAS DO 3º E 5º ANOS DE
UMA ESCOLA DA REDE MUNICIPAL DE VITÓRIA (ES)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Amélia Dalvi

Trabalho defendido em ____ de _____ de 2014.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Maria Amélia Dalvi
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientadora

Prof.^o Héber Ferreira de Souza
Universidade Federal do Espírito Santo

Prof.^a Joana D'arc Batista Herkenhoff
Universidade Federal do Espírito Santo

Vitória

2014

AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente a Deus que é responsável por mais essa conquista, nos dando força e sabedoria nessa jornada acadêmica.

Obrigada por tudo.

Aos profissionais da escola, que se dispuseram colaborar com a nossa pesquisa.

Aos amigos e familiares que nos apoiaram na caminhada.

Aos professores Héber e Joana pela atenção e disponibilidade.

E, em especial, a nossa orientadora Maria Amélia pelo conhecimento compartilhado, orientação, respeito e carinho.

Trabalhar com literatura infantil em sala de aula é criar condições para que se formem leitores de arte, leitores de mundo, leitores plurais. Muito mais do que uma simples atividade inserida em propostas de conteúdos curriculares, oferecer e discutir literatura em sala de aula é poder formar leitores, é ampliar a competência de ver o mundo e dialogar com a sociedade. *(Gregórin Filho, Literatura Infantil. Múltiplas linguagens na formação de leitores).*

RESUMO

Este estudo tem como objetivo central saber como ocorrem às práticas de leituras literárias no espaço escolar, analisando especificamente como se dá esse processo de vivência dos alunos das turmas do 3º e 5º anos do ensino fundamental na rede municipal de Vitória (ES) com a literatura, haja vista sua importância na formação das crianças. Sustenta-se teoricamente nos estudos de Chartier (1990, 1994, 1998, 2001, 2002 e 2010). Utilizamos como recursos durante a pesquisa observações, diário de campo e questionários; e, em paralelo, sabendo que é imperativo criar condições para que ocorra a prática da leitura literária, quando isso não é recorrente, realizamos um projeto de intervenção, que teve por objetivo proporcionar aos alunos uma vivência maior com a leitura literária, haja vista a importância que a leitura – e, em particular, a leitura literária – tem para os alunos em processo de formação escolar e do pensamento crítico: há, desse modo, o interesse de inserir no cotidiano do aluno o hábito da leitura, a contínua constituição de uma biblioteca interior, a interação com os diferentes suportes textuais, a ampliação do universo cultural, o compartilhamento de experiências leitoras, o conhecimento de diversos gêneros e recursos textuais, a inserção no meio literário e a vivência da tensão entre valores éticos e estéticos a partir de mediação/interação com sujeitos igualmente leitores.

Palavras-chave: Leitura. Literatura. Práticas de leitura literárias.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. LITERATURA INFANTIL: UM BREVE PERCURSO HISTÓRICO.....	16
2.1. LITERATURA E EDUCAÇÃO.....	18
2.2. A LITERATURA INFANTIL E JUVENIL E SUA IMPORTÂNCIA PARA AS CRIANÇAS EM PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO.....	19
3. LEITURA E LITERATURA: O QUE HÁ NOS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS.....	22
4. AS PRÁTICAS DE LEITURA AO LONGO DA HISTÓRIA.....	27
4.1. TRANSFORMAÇÕES NA MATERIALIDADE DO SUPORTE DE TEXTO.....	28
4.2. A INTERFERÊNCIA NA LEITURA DE ACORDO COM O SUPORTE TEXTUAL.....	31
4.3. PRÁTICAS DE LEITURA.....	32
5. PRINCÍPIOS TEÓRICOS.....	38
6. REVISÃO DE LITERATURA.....	43

7. METODOLOGIA.....	48
7.1. A ESCOLA E OS PROFISSIONAIS.....	50
7.2. O PROCESSO E OS INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	51
8. ANÁLISE DE DADOS.....	53
8.1. PRIMEIRO MOMENTO: UMA CONVERSA SOBRE A PESQUISA DE CAMPO.....	53
8.2. UMA CONVERSA SOBRE A LEITURA LITERÁRIA.....	55
8.2.1. PROFESSORAS DAS TURMAS DO 3º E 5º ANO.....	63
8.2.2. PEDAGOGA DAS SÉRIES INICIAIS.....	65
8.2.3. BIBLIOTECÁRIA DA ESCOLA.....	66
8.3. COTIDIANO ESCOLAR.....	68
9. SEGUNDO MOMENTO: PROJETO DE INTERVENÇÃO: “VIAGEM PELO MUNDO DA LEITURA”.....	73
9.1. ATIVIDADE 1 – HISTÓRIA: MARCELO, MARMELO, MARTELO – RUTH ROCHA.....	75
9.2. ATIVIDADE 2 – HISTÓRIA: O REIZINHO MANDÃO– RUTH ROCHA.....	77

9.3. ATIVIDADE 3 – APRESENTAÇÃO TEATRAL COM FANTOCHES.....	79
9.4. ATIVIDADE 4 – HISTÓRIA: O MENINO MALUQUINHO– ZIRALDO.....	81
9.5. ATIVIDADE 5 – HISTÓRIA: TERESINHA E GABRIELA – RUTH ROCHA.....	83
9.6. ATIVIDADE 6 – PESQUISA NA INFORMÁTICA COM A EXIBIÇÃO DOS VÍDEOS: “A HISTÓRIA DA ESCRITA”; “KIKA: DE ONDE VÊM OS LIVROS” E “ A MENINA QUE ODIAVA LIVROS”.....	84
9.7. ATIVIDADE 7 – MEU LIVRO PREFERIDO (PESSOAL).....	86
9.8. CONVERSA E REFLEXÃO SOBRE O PROJETO DESENVOLVIDO.....	88
10. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	89
11. REFERÊNCIAS.....	94
12. APÊNDICE.....	98
13. ANEXO.....	106

1. INTRODUÇÃO

Buscamos com essa pesquisa entender como vêm ocorrendo as práticas de leituras literárias na sala de aula das séries iniciais, em especial, nas turmas do 3º e 5º anos do ensino fundamental da rede municipal de Vitória (ES), localizada no bairro Jardim da Penha. O interesse por esse tema surgiu por saber da importância que a literatura tem no processo escolar (devendo ser trabalhada efetivamente nesse espaço) e pela preocupação com a formação de leitores. Com isso nasceu a pesquisa que iremos desenvolver.

Nossa pesquisa tem como interesse discutir quais são as práticas de leituras literárias vivenciadas pelos alunos na instituição no decorrer do segundo semestre do ano letivo de 2013. Utilizamos como recursos durante a pesquisa observações, diário de campo e conversas. Procuramos, também, intervir nas atividades dos alunos do 3º e 5º anos com um projeto de leitura, dando ênfase para a leitura literária.

Na fundamentação teórica, abordamos a importância da literatura infantil, discutindo a seriedade da mesma para o desenvolvimento do olhar crítico dos alunos. Em paralelo, iremos analisar as atividades e trabalhos propostos na realidade observada, e qual é o convívio das crianças com os textos literários, observando se o contato dos alunos com a literatura provoca reorganização do mundo e se permite uma ordenação das experiências dos mesmos.

Com o interesse de saber como ocorrem as práticas de leituras literárias no espaço escolar, pretendemos analisar especificamente como se dá esse processo de vivência dos alunos das turmas do 3º e 5º ano do ensino fundamental na rede municipal de Vitória (ES) com a literatura, haja vista a importância da literatura na formação das crianças e o fato de que estudos de campo com esse recorte são relativamente escassos.

Entendemos que a literatura possibilita a descoberta de novos caminhos em que é possível a formação da consciência crítica do aluno, assim como afirma a autora Abramovich (2006):

Ao ler uma história a criança também desenvolve todo um potencial crítico. A partir daí ela pode pensar, duvidar, se perguntar, questionar... Pode se sentir inquieta, cutucada, querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de opinião... E isso não sendo feito uma vez ao ano... Mas fazendo parte da rotina escolar... (p.142)

Ao ler o aluno também tem a possibilidade de inventar, imaginar e criar. A leitura nos proporciona momentos prazerosos, e permite uma socialização mais rica com o texto literário, que, por sua vez, será construída ao longo de sua prática. A autora Colomer (2007) vem afirmar o papel importante que a literatura exerce na capacidade de interpretação do leitor estando mais próximo da cultura literária:

Nesse novo marco conceitual ficou claro que o interesse da formação literária na escola não tem como raiz a transgressão de um discurso estabelecido sobre as obras, mas que a educação literária serve para que as novas gerações incursionem no campo do debate permanente sobre a cultura, na confrontação de como foram construídas e interpretadas às ideias e os valores que configuram. Por conseguinte tratava-se de desenvolver uma capacidade interpretativa, que permita tanto uma socialização mais rica e lúcida dos indivíduos como a experimentação de um prazer literário que se constrói ao longo do processo. (COLOMER, 2007, p. 29).

A escola, juntamente com o professor, tem o dever de mostrar às crianças a importância da leitura, o prazer de ler, conhecer, aprender através de histórias, poemas, contos e imagens. A leitura tem que ser apresentada como algo prazeroso e que, simultaneamente, desenvolve a inteligência, a criatividade e o conhecimento de mundo, de modo que desperte a curiosidade, o desejo de ler e também a criticidade e a vontade de transformação das condições objetivas da existência. No entanto, sabemos pouco sobre como isso efetivamente ocorre (e se ocorre) nos anos iniciais do ensino fundamental: disto decorre a importância de nossa pesquisa de campo, em contato direto com as práticas levadas a termo no espaço escolar.

Desse modo a escola tem o papel primordial no desenvolvimento da leitura literária e deve realizar seu papel, buscando atrair esses alunos por meio de métodos novos que sejam prazerosos, levando os alunos ao desenvolvimento de um olhar crítico sendo capaz de interpretar o que lhes é apresentado. A autora Colomer vem enfatizar que [...] “a busca de um novo modelo de ensino

literário se inicia com certo consenso na reflexão educativa das últimas décadas: o objetivo é desenvolver a competência interpretativa e é necessário fazê-lo através da leitura” (COLOMER, 2007, p. 30):

A leitura obedece às mesmas leis que as outras práticas culturais, com diferença de que ela é mais diretamente ensinada pelo sistema escolar, isto é, de que o nível de instrução vai ser mais poderoso no sistema dos fatores explicativos, sendo a origem social o segundo fator. No caso da leitura, hoje, o peso do nível de instrução é mais forte. Assim, quando perguntar a alguém seu nível de instrução, tem-se já uma previsão concernente ao que ele lê, ao número de livros que leu no ano, etc. (BORDIEU e CHARTIER, 2001. p. 236).

Na pesquisa das práticas, é necessário conhecer os materiais escritos que são agenciados pela escola para as leituras literárias. A esse respeito (a importância do estudo das formas que um texto é dado à leitura), Don Mckenzie (apud CHARTIER, 2010) nos diz ainda que:

[...] o sentido de qualquer texto, seja ele conforme aos cânones ou sem qualidades, depende das formas que o oferecem à leitura, dos dispositivos próprios da materialidade do escrito. Assim por exemplo, no caso dos objetos impressos, o formato do livro, a construção da página, a divisão do texto, a presença ou ausência das imagens, as convenções tipográficas e a pontuação. (p. 8)

Sabemos que para formar leitores críticos e com qualidade, requerem-se, além dos materiais escritos, condições favoráveis para a prática social da leitura, como afirmam Alves e Camargo (2009). De acordo com esses autores, uma biblioteca na escola é essencial para que os alunos possam ter o contato e uma vivência maior com bons livros, que provocarão agradáveis momentos de leitura. E para que esses momentos virem hábitos frequentes é necessário, uma diversidade maior de textos literários à disposição desses alunos para que ampliem seus horizontes de leitura, bem como a experiência reiterada de participação em comunidades leitoras.

Sabemos do importante papel que a leitura, em especial, no caso desta pesquisa, a leitura literária, tem no âmbito escolar que se faz necessário em nossa vida, tendo o poder de transformar os nossos valores e, a partir disso, nossas ações. É papel da instituição escolar nos possibilitar essa aprendizagem, instigando o desejo da leitura, o prazer, a criatividade, a criticidade e a ação. E para que isso realmente aconteça é preciso ter

condições favoráveis, como a diversificação de materiais e um lugar apropriado (biblioteca). Com isso Hébrard (apud CHARTIER, 2001) vem nos dizer que:

E é exatamente porque esse aprendizado, aos olhos do pedagogo, é sempre possível desde que para isso sejam dados os meios que ele é percebido como tendo um extraordinário poder de ação sobre as novas gerações, ou mesmo através delas, sobre alguns grupos sociais que vieram. A suposta neutralidade cultural do ato de ler, sua aparente instrumentalidade, são as garantias de sua eficácia social: ele pode ser posto a serviço de todas as causas das sociedades alfabetizadas... O ensino da leitura é um meio de transformar os valores e os hábitos dos grupos sociais que são seu alvo (HÉBRARD, 2001, p. 35).

Compreendendo a importância da leitura literária para a nossa formação a autora Colomer (2007) nos fala a respeito do valor da formação que a literatura possui, defendendo que:

É a partir deste valor formativo que se pode afirmar que o objetivo da educação literária é, em primeiro lugar, o de contribuir pra a formação da construção que aparece ligada indissolivelmente à construção da sociabilidade e realiza através da confrontação com textos que explicitam a forma em que as gerações anteriores e as contemporâneas abordaram a avaliação da atividade humana através da linguagem. Em segundo lugar o confronto entre textos literários distintos oferece ao aluno a ocasião de enfrentar a diversidade social e cultural, no momento em que têm início as grandes questões filosóficas propostas ao longo do tempo (COLOMER, 2007, p. 31).

Dessa maneira, Casarini e Fredericis (apud COLOMER, 2007) afirmam que:

A literatura é sentida como uma das formas em que se auto-organiza e se autorrepresenta o imaginário antropológico e cultural, um dos espaços em que as culturas se formam, se encontram com outras culturas, se absorvem, pretendem confrontar-se ou conquistá-las; ou bem elas desenvolvem, no seu interior, modelos alternativos aos existentes, ou criam modelos e imagens do mundo que, através da retórica da argumentação e da persuasão, tratam de impor-se aos diferentes estratos de público que configuram o tecido social. A retórica, no sentido mais alto do termo, entendida como técnica argumentativa e persuasiva e como grande arsenal de modelos de discurso, apresenta princípios fundamentais para a comunicação humana, as estratégias dialógicas, a capacidade de debate e de confrontação de ideias. De forma semelhante, a literatura oferece importantíssimos suportes e modelos para compreender e representar a vida interior, os afetos, as ideias, os ideais, as projeções fantásticas e também, modelos para representarmos nosso passado, o de nossa gente, e o dos povos, a história (COLOMER, 2007, p. 29).

Assim, queremos conhecer, na instituição estudada, as práticas (no que se incluem os materiais e os espaços de leitura, o contato e vivência com livros, as ações planejadas ou não) de leitura literária, ou seja, queremos saber como o cotidiano e as rotinas escolares favorecem (ou não) a constituição de sujeitos leitores de literatura. Para nós é importante saber como a literatura é lida e apropriada pelas crianças no espaço escolar. A respeito da importância de se saber como uma literatura é lida, Borges (apud CHARTIER, 2010) complementa:

A literatura é coisa inesgotável, pela suficiente e simples razão que um só livro já o é. O livro não é uma entidade enclausurada: é uma relação, é o centro de inúmeras relações. Seja ela anterior ou posterior, uma literatura difere de outra, menos pelo texto do que pelo modo como é ela é lida. (p. 23).

A leitura nos proporciona conhecimentos novos, momentos de conforto, e mesmo desconforto, euforia, prazer e nos leva a momentos históricos, apresentando-nos o mundo e permitindo-nos uma efetiva inserção nele e em seu processo contínuo de transformação. Na busca de significados que ampliem os nossos horizontes precisamos transformar o contato das crianças com a literatura de maneira que seja parte de sua rotina, o que irá permitir um posicionamento crítico do leitor diante da realidade, pois ser um leitor é ter um caminho de descoberta e de compreensão do mundo.

Desse modo analisamos as “Práticas de leituras literárias nas turmas do 3º e 5º ano de uma Escola da Rede Municipal de Vitória (ES)”, localizada no bairro Jardim da Penha, buscando conhecer como vêm ocorrendo essas práticas. Caso não houvesse esse tipo de prática na escola pesquisada, tentaremos implantar um projeto de leitura literária em que se pudesse proporcionar aos alunos a vivência com a leitura literária, tornando essa prática constante no cotidiano escolar desses alunos, o que efetivamente ocorreu.

E, assim, a partir da problemática apresentada, traçamos nossos objetivos específicos para a pesquisa a fim de compreendermos como ocorre esse processo na escola:

- Identificar qual o contato que os alunos possuem com a leitura literária (frequência, tipo de texto e suporte, inserção ou não na rotina diária, modos de mediação, agentes envolvidos, papel dos livros e demais materiais didáticos);
- Conhecer a importância que a professora e, se houver, a(o) bibliotecária(o) atribui/atribuem à leitura literária, entendendo-a (o/s) como protagonista(s) da mediação entre criança e texto literário;
- E por fim conhecer as perspectivas, opiniões e desejos das crianças em relação à literatura no espaço escolar.

2. LITERATURA INFANTIL: UM BREVE PERCURSO HISTÓRICO

A literatura infantil teve seu início a partir do século XVII com a adaptação de contos e lendas da Idade Média, realizadas pelo autor Charles Perrault, e questões relativas à sua obra o apontaram como o precursor da literatura infantil. Seus contos tinha a preocupação com o didático e a relação com o popular, e em alguns momentos, caracteriza-se por apresentarem um sarcasmo, contudo, marcados pela preocupação de fazer um trabalho moralizante através de uma literatura pedagógica.

Os princípios educativos que regem os contos de Perrault, e que foram apresentados por ele no prefácio da edição em verso de 1695, são os critérios da arte moral definidos pela Contra Reforma: a valorização do pudor, mas, antes de mais nada, a cristianização. (CADEMARTORI, 2010, p. 45).

Com o trabalho de Perrault sendo o de um adaptador, ele concretizou a recuperação da cultura popular, procurando reconstruir os procedimentos narrativos da maneira mais fiel possível, esse fator tem permitido atribuir-se a Perrault a adaptação da literatura infantil, que já existia em duas formas, a vertente popular com os ditos e provérbios e a literatura pedagógica na cultura erudita (literatura oral e os textos jesuítas). Sendo assim, “[...] parte de um tema popular, trabalha sobre ele e acresce-o de detalhes que respondem ao gosto da classe à qual pretende endereçar seus contos: a burguesia” (CADEMARTORI, 2010, p. 41).

No Brasil a literatura infantil teve como precursor o autor Monteiro Lobato, que é um dos mais famosos escritores brasileiros, autor de grandes obras ambientadas no sítio do Pica-pau Amarelo. Monteiro Lobato sempre foi caracterizado pela inovação e pela aventura da descoberta pessoal, ele não gostava de imitação e não aceitava as modas que vinham da Europa. O autor relaciona em suas obras as questões sociais, sempre com o olho crítico na realidade do país fazia denúncias literárias e mobilizou as autoridades através das cruzadas acreditando que ao trazer riqueza para o país, pudesse haver a verdadeira emancipação brasileira.

O revolucionário na obra de Lobato ganha maior abrangência na literatura infantil que ele inaugura entre nós. Rompendo com os padrões prefixados do gênero, seus livros infantis criam um mundo

que não se constitui num reflexo do real, mas na antecipação de uma realidade que supera os conceitos e os preconceitos da situação histórica em que é produzida. O esforço de compreensão crítica do passado permite, em suas histórias, um redimensionamento do presente que, por sua vez, torna possível prospecção, ou seja, o olhar para o futuro. (CADEMARTORI, 2010, p. 53).

Lobato sempre teve um cuidado com o leitor devido a sua consciência crítica e via na literatura a importância no processo social e o livro como um meio eficaz para promover o olhar crítico dos leitores. As obras desse autor possuem um caráter emancipatório:

A leitura dos textos de Lobato possibilita uma nova experiência da realidade em que, ao mesmo tempo em que são conservadas as vivências já adquiridas, antecipam-se possibilidades a serem experimentadas. É dessa maneira que o universo ficcional lobatiano propicia novas aspirações, instiga fins e pretensões que abrirão caminho a experiências futuras. (CADEMARTORI, 2010, p. 54).

As obras de Lobato são um incentivo para o debate sobre as questões sociais estimulando o leitor a ver a realidade social, econômica, política e cultural, abrindo uma interlocução com o leitor, estimulando a formação da consciência crítica. Os personagens são marcados pela inteligência, esperteza e habilidade. Emília que é uma de suas famosas personagens tem a sua marca através da esperteza. No sítio é vivível a criatividade e a liberdade dos seus personagens.

O autor Gregorin Filho (2009) descreve dois momentos no percurso histórico da literatura no Brasil: o momento anterior a Lobato e o momento atual (pós-Lobato). O momento anterior a esse autor era responsável por uma literatura que conduz valores como obediência absoluta às autoridades, à moral dogmática ligada a concepções de cunho religioso, aos pais e à hierarquia tradicional visando imitar padrões da Europa. Já o momento atual (pós-Lobato) é marcado por uma literatura voltada para crianças que apresenta uma luta contra os preconceitos, trazendo, dessa forma, a individualidade consciente, uma moral mais flexível, mundo com antigas hierarquias em desagregação e, uma linguagem literária que busca a invenção e o aspecto lúdico da linguagem, ou seja, uma literatura que apresenta um mundo em construção e a criança como um ser em formação.

2.1 LITERATURA E EDUCAÇÃO

Um fato importante na década de 1970 que afetou os rumos da literatura infantil é que o ensino básico passou a ser considerado decisivo para a educação. Com isso, o livro foi sendo privilegiado como elemento importante para a cultura e o crescimento intelectual do sujeito. Nesse cenário foi dado início aos estudos a respeito da literatura infantil. Naquela época era defendido pela educação o slogan “quem lê, sabe escrever” que defendia que se a criança adquirisse o hábito da leitura passaria a escrever melhor, ampliando assim seu repertório de informações. Desse modo, o Ministério de Educação criou um plano de ações que previa a distribuição de livros literários para as crianças, ocorrendo distribuição de livros em todas as bibliotecas e escolas do país:

[...] A iniciativa pioneira recebeu o nome de Programa Salas de Leitura e era desenvolvido pela Fundação de Assistência ao Estudante, hoje extinta. Se a iniciativa oficializava os laços entre literatura infantil e educação, o que, na opinião de muitos, comprometia a natureza literária do gênero, na mesma medida vinha promovê-lo, tornando a distribuição de livros a estudantes parte de uma política pública. Simultaneamente, criava-se uma relação de dupla dependência entre a presença da literatura infantil nas escolas e a produção de livros desse segmento editorial pela indústria livreira. A oferta de títulos cresceu de modo significativo. Com a continuidade e expansão dos programas de aquisição de livros infantis pelo governo, pode-se dizer que essa literatura passou a contar com uma forma de patrocínio estatal. (CADEMARTORI, 2010, p. 7-8).

A literatura infantil foi vista pela educação como uma forma de expandir o domínio linguístico que era escasso, atendendo aos interesses imediatos da escola. A preocupação era com o ensino do conteúdo e da língua, e o texto infantil era a possibilidade de suprir essa necessidade, já que os textos infantis eram portadores de elementos formativos e informativos e não com a formação de leitores de literatura. Sendo assim:

A criança que costuma ler, que gosta de livros de histórias ou de poesia, geralmente escreve melhor e dispõe de um repertório mais amplo de informações, sim. Mas essa não é a principal função que a literatura cumpre junto ao leitor. Mesmo sem precisar discorrer sobre a função da literatura, sabemos que é o fato de ela propiciar determinadas experiências com a linguagem e com os sentidos – no espaço de liberdade que só a leitura possibilita, e que instituição nenhuma consegue oferecer – que a torna importante para uma criança. (CADEMARTORI, 2010, p. 9).

Acreditamos que a literatura infantil é um dos mecanismos que pode ampliar o repertório de informações de um leitor, a literatura infantil tem grande importância para a aquisição de novos conhecimentos na vida das crianças, mas, principalmente, ela constitui a subjetividade e a experiência de mundo das crianças. Ela propicia uma reorganização das percepções do mundo, permitindo uma nova ordenação das experiências das crianças. Na qual o convívio das crianças com textos literários provoca a formação de novos padrões e o desenvolvimento da criticidade.

A autora Cademartori (2010) afirma que “a principal função que a literatura cumpre junto a seu leitor é a apresentação de novas possibilidades existenciais, sociais, políticas e educacionais”. Constituindo assim uma forma emancipatória para o aluno (CADEMARTORI, 2010, p.19-20):

A obra literária recorta o real, sintetiza-o e interpreta-o através do ponto de vista do narrador ou do poeta. Sendo assim, manifesta, através do fictício e da fantasia, um saber sobre o mundo e oferece ao leitor um padrão para interpretá-lo. (CADEMARTORI, 1986, p. 22-23).

Dessa forma a obra literária propicia ao leitor o desenvolvimento de a sua capacidade de interpretações através do imaginário, possibilitando uma construção de competências e experiências singulares.

2.2 A LITERATURA INFANTIL E JUVENIL E SUA IMPORTÂNCIA PARA AS CRIANÇAS EM PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO

De acordo com Zilberman (apud ZANOLLA, PANOZZO e RAMOS, 2008, p. 5) a literatura infantil apresenta-se cada vez mais como objeto estético destinado a um público específico, a criança. Nesse sentido, além de contribuir para a constituição do leitor enquanto ser humano — papel humanizador —, os textos literários infantis podem propiciar a expansão do domínio linguístico da criança, graças à exploração singular das potencialidades da palavra.

O texto literário apresenta também a existência humana, representando suas dimensões como o medo, a alegria, o sofrimento, a morte. Com isso a literatura

oferece ao leitor uma importante função de permitir-lhe vivenciar outros contextos e tempos e lhe trazer a compreensão do mundo, o que nos remete à importância de proporcionarmos cada vez mais aos alunos o contato com a leitura literária.

É imprescindível que nós, professores, possamos fazer com que a leitura esteja cada vez mais presente na vida do aluno, o que o levará a ser um leitor que constrói suas competências, potencialidades, experiências singulares, assim como nos diz Colomer (2007):

Se se tratava de basear-se na prática da leitura, devia-se pensar que esta constrói a competência do leitor em fases recorrentes que incluem, primeiro, o desejo de entrar no jogo; segundo, a aquisição gradual das capacidades interpretativas – a suspensão da incredulidade, a projeção psicológica, a antecipação e reinterpretação do que se está lendo, etc. -, e, apenas em terceiro lugar, a explicitação das regras seguidas dos mecanismos utilizados para construir o sentido e que podem servir tanto para aprofundar a leitura realizada como para aprender e fazer leituras mais complexas – e, portanto, mais gratificantes – em outra ocasião. (p. 38).

Não basta apenas quereremos tornar os nossos alunos leitores, mas se faz necessário que nós docentes nos preocupemos com nossa formação, é preciso que estejamos sempre atualizados e que mostremos aos nossos alunos que somos professores leitores para que assim possamos interferir na formação leitora de nossos alunos. Pois não há como esperar que nossos alunos sejam leitores se nós não o somos. E como afirma a autora Magnani (2001):

Apesar de a proclamada preocupação com a formação do leitor envolver também um consenso político perigoso e ter muito de conservadora e neutralizadora das pressões sociais, se nós, professores, acreditamos na força transformadora da leitura da literatura, não podemos nos omitir enquanto cidadãos e educadores. Não podemos abdicar do papel histórico que nos cabe: de nos formarmos como leitores pra interferir criticamente na formação qualitativa do gosto estético de outros leitores. (p. 142).

Temos que ter consciência também que todos nós somos diferentes, cada um com suas especificidades, por consequência disso, cada um também tem sua maneira de ler, de entender e compreender o que está dito. Cabe, por sua vez, ao professor mediar esse trabalho sempre que for possível. Com isso, Chartier (1991) vem nos dizer que:

A leitura não é somente uma operação abstrata de inteligência: é por em jogo o corpo, é inscrição num espaço, relação consigo ou com o outro. Por isso devem ser reconstruídas as maneiras de ler próprias a cada comunidade de leitores,.. Uma história da leitura não se pode limitar unicamente à genealogia de nossos modos de ler, em silêncio e com os olhos, mas tem a tarefa de redescobrir os gestos esquecidos, os hábitos desaparecidos. (p. 181).

Segundo Colomer (2007), “os professores sentem-se seguros ao afirmar que ler livros com os alunos ajuda a que se familiarizem com a língua escrita, facilita a aprendizagem leitora e propicia sua inclinação para a leitura autônoma”. De fato, é necessário que haja este contato do aluno com o livro, para que haja essa familiaridade e que se crie um hábito de leitor. Desse modo a autora Abramovich (2006) afirma:

Me parece que a preocupação básica seria formar leitores porosos, inquietos, críticos, perspicazes, capazes de receber tudo o que uma boa história traz, ou que saibam por que não usufruíram aquele conto...Literatura é arte, literatura é prazer...Que a escola encampe esse lado. É apreciar – e isso inclui criticar... (p. 148).

O professor tem importante papel no processo de mediação da apropriação do texto literário pelo aluno. Deste modo, nesse processo o professor deve auxiliar o aluno a atribuir sentido ao texto e a distinguir as especificidades trazidas pelo mesmo que são associados à percepção de mundo do leitor. Nosso trabalho se dedica, pois, a compreender como, no espaço escolar, essa aproximação entre crianças e textos literários (e especificamente aqueles que, como objetos estéticos, são destinados à infância) é mediada pelo professor e pelos demais agentes institucionais.

3. LEITURA E LITERATURA: O QUE HÁ NOS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS

Ao analisar os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Língua Portuguesa para os anos iniciais do ensino fundamental, percebemos que o mesmo cita com propriedade que muitas vezes o fracasso escolar está no fato da escola ter dificuldade de ensinar os seus alunos a ler e a escrever. Por meio de estudos e pesquisas constataram que o ensino da língua portuguesa deveria passar por uma mudança, por meio de estudos perceberam que:

Os resultados dessas investigações também permitiram compreender que a alfabetização não é um processo baseado em perceber e memorizar e, para aprender a ler e a escrever, o aluno precisa construir um conhecimento de natureza conceitual: ele precisa compreender não só o que a escrita representa, mas também de que forma ela representa graficamente a linguagem. (BRASIL, 1997, p. 20).

Desse modo, considerando a construção do conhecimento para a compreensão da linguagem, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), apresentam contribuições para que haja mudanças no ensino da educação que atendam à demanda social, dizendo que:

[...] não só os avanços do conhecimento científico por si mesmos que produzem as mudanças no ensino. As transformações educacionais realmente significativas – que acontecem raramente – têm suas fontes, em primeiro lugar, na mudança das finalidades da educação, isto é, acontecem quando a escola precisa responder a novas exigências da sociedade. E, em segundo lugar, na transformação do perfil social e cultural do alunado: a significativa ampliação da presença, na escola dos filhos do analfabetismo – que hoje têm a garantia de acesso mais não de sucesso – deflagrou uma forte demanda por um ensino mais eficaz. (BRASIL, 1997, p. 21).

E como forma de estabelecer o direito do cidadão a ter acesso às relações sociais, a instituição escolar deve garantir o ensino da língua, de maneira que o indivíduo domine esses conhecimentos para que não seja excluído de grandes atividades sociais, dessa maneira o (PCN) afirma que:

O domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Assim, um projeto educativo comprometido com a democratização social e cultural atribui à escola a função e a responsabilidade de garantir a todos os seus

alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos. (BRASIL, 1997, p. 21).

Com isso, fica cada vez mais claro e enfatizado que a escola tem um papel muito importante na vida do aluno, e é de sua responsabilidade transmitir e garantir o saber e o aprender a eles, sendo que é por meio dela que nos constituímos como cidadãos e garantimos uma participação social na sociedade em que vivemos.

Dessa perspectiva, a língua é um sistema de signos histórico e cultural que possibilita ao homem significar o mundo e a realidade. Assim aprendê-la é aprender não só as palavras, mas também os seus significados, e com eles, os modos pelos quais as pessoas do seu meio social entendem e interpretam a realidade e si mesmas. (BRASIL, 1997, p. 22).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) defendem também que a instituição escolar deve estar verdadeiramente comprometida com o futuro de seus alunos e que precisa além de tudo criar condições necessárias para o desenvolvimento dos mesmos, em que disponibilize diferentes materiais e que sejam de qualidade, na qual irão contribuir no ensino do aluno, destacando que:

Cabe, portanto, à escola viabilizar o acesso do aluno ao universo dos textos que circulam socialmente, ensinar a produzi-los e interpretá-los. Isso inclui os textos das diferentes disciplinas, com os quais o aluno se defronta sistematicamente no cotidiano escolar e, mesmo assim, não consegue manejar, pois não há um trabalho planejado com essa finalidade. (BRASIL, 1997, p. 26).

Sobre o ensino das linguagens, “cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral nas diversas situações comunicativas, especialmente nas mais formais” (BRASIL, 1997, p. 27). Diante dessa afirmação a escola deve criar e planejar momentos em que possam promover o ensino da oralidade, pelo fato que a oralidade se faz presente nas diversas situações sociais comunicativas, fazendo, no entanto parte da vida do aluno. É preciso também organizar o trabalho escolar de maneira que os alunos mantenham o contato com bons recursos de leitura:

[...] Essa pode ser a única oportunidade de esses alunos interagirem significativamente com textos cuja finalidade não seja apenas a resolução de pequenos problemas do cotidiano. É preciso, portanto, oferecer-lhes os textos do mundo: não se formam bons leitores solicitando aos alunos que leiam apenas durante as atividades na sala de aula, apenas no livro didático, apenas porque o professor pede. Eis a primeira e talvez a mais importante estratégia didática para a prática de leitura: o trabalho com a diversidade textual. Sem ela pode-se até ensinar a ler, mas certamente não se formarão leitores competentes. (PCN, 1997, p. 41-42).

A respeito da biblioteca escolar os PCN defendem que esse espaço é parte fundamental no aprendizado dos alunos, e que toda escola comprometida deve ter uma. A biblioteca deve ser um espaço que desperte interesse pela leitura cada vez mais intensos em seus alunos, podendo ter uma diversidade maior de materiais e de livros possibilitando assim o interesse e o prazer em ler, instigando-os cada vez mais ao hábito da leitura, e complementa dizendo que na biblioteca escola e/ou na de classe é:

[...] necessário que sejam colocados à disposição dos alunos textos dos mais variados gêneros, respeitados os seus portadores: livros de contos, romances, poesia, enciclopédias, dicionários, jornais, revistas (infantis, em quadrinhos, de palavras cruzadas e outros jogos), livros de consulta das diversas áreas do conhecimento, almanaques, revistas de literatura de cordel, textos gravados em áudio e em vídeo, entre outros. Além dos materiais impressos que se pode adquirir no mercado, também aqueles que são produzidos pelos alunos — produtos dos mais variados projetos de estudo — podem compor o acervo da biblioteca escolar: coletâneas de contos, trava-línguas, piadas, brincadeiras e jogos infantis, livros de narrativas ficcionais, dossiês sobre assuntos específicos, diários de viagens, revistas, jornais, etc. A biblioteca de classe não precisa ser excessivamente ampla no que se refere ao número de volumes disponíveis. Ao contrário, é preciso que a variedade de materiais e títulos esteja garantida, o que permite uma diversificação de leitura aos alunos. Também é possível que se tenha, em algumas situações, um volume para cada aluno de um único título: nesse caso, é preciso que se tenha propostas específicas de trabalho que justifiquem essa opção. Do acervo da classe também podem constar produções dos próprios alunos. (BRASIL, 1997, p.61).

A escola e os profissionais (professor, pedagogo, bibliotecário) necessitam criar critérios de seleção do material destinados aos alunos (materiais de qualidade), organizar o espaço, e promover a aprendizagem dos procedimentos de utilização do acervo da biblioteca, levando os alunos a terem atitudes de

conservação do material disponível. Manter o espaço físico organizado, e garantir que os alunos tenham acesso ao acervo disponível, propiciando a frequência desse sujeito nesse espaço, com frequência na utilização desse material literário.

Além de fornecer aos alunos uma diversidade de materiais que ajudarão no desenvolvimento escolar e da leitura, a instituição escolar precisa mostrar aos seus alunos o quão importante é a leitura em nossa vida, em que a partir dela que nos tornamos seres humanos ativos na sociedade, que a partir dela que constituímos nossa autonomia e nossa independência. E com isso os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) afirmam que, além de tudo:

Para tornar os alunos bons leitores – para desenvolver, muito mais do que a capacidade de ler, o gosto e o compromisso com a leitura –, a escola terá de mobilizá-los internamente, pois aprender a ler (e também ler para aprender) requer esforço. Precisar fazê-los achar que a leitura é algo interessante e desafiador, algo que, conquistado plenamente, dará autonomia e independência. Precisar torna-os confiantes, condição para poderem se desafiar a “aprender fazendo”. Uma prática de leitura que não desperte e cultive o desejo de ler não é uma prática pedagógica eficiente. (BRASIL, 1997, p. 43).

Desse modo, os PCN pressupõem algumas condições para haver a formação de leitores. “Precisar torná-los confiantes, condição para poderem se desafiar a “aprender fazendo”. Uma prática de leitura que não desperte e cultive o desejo de ler não é uma prática pedagógica eficiente.” (BRASIL, 1997, p. 43). É preciso e se faz necessário que ocorra uma intervenção nesse processo através de uma mediação do profissional, haja ambientes e materiais propícios, tornando a leitura interessante e desafiadora. Sendo uma prática que desperte e cultive o desejo de ler. Sendo assim:

Algumas dessas condições:

- dispor de uma boa biblioteca na escola;
- dispor, nos ciclos iniciais, de um acervo de classe com livros e outros materiais de leitura;
- organizar momentos de leitura livre em que o professor também leia. Para os alunos não acostumados com a participação em atos de leitura, que não conhecem o valor que possui, é fundamental ver seu professor envolvido com a leitura e com o que conquista por meio dela. Ver alguém seduzido pelo que faz pode despertar o desejo de fazer também;
- planejar as atividades diárias garantindo que as de leitura tenham a mesma importância que as demais;
- possibilitar aos alunos a escolha de suas leituras. Fora da escola, o autor, a obra ou o gênero são decisões do leitor. Tanto quanto for possível, é necessário que isso se preserve na escola;
- garantir que os alunos não sejam importunados durante os momentos

de leitura com perguntas sobre o que estão achando, se estão entendendo e outras questões; • possibilitar aos alunos o empréstimo de livros na escola. Bons textos podem ter o poder de provocar momentos de leitura junto com outras pessoas da casa — principalmente quando se trata de histórias tradicionais já conhecidas; • quando houver oportunidade de sugerir títulos para serem adquiridos pelos alunos, optar sempre pela variedade: é infinitamente mais interessante que haja na classe, por exemplo, 35 diferentes livros — o que já compõe uma biblioteca de classe — do que 35 livros iguais. No primeiro caso, o aluno tem oportunidade de ler 35 títulos, no segundo apenas um; • construir na escola uma política de formação de leitores na qual todos possam contribuir com sugestões para desenvolver uma prática constante de leitura que envolva o conjunto da unidade escolar. (BRASIL, 1997, p. 43-44).

Quando tratamos de condições propícias para o ensino da literatura infantil, como as quais foram apresentadas, não podemos deixar de falar do importante tratamento que é necessário ter com o texto literário, devemos trabalhar com o texto literário de forma contextualizada, que faça sentido para o aluno, de maneira que contribua para a formação dos leitores, os tornando capazes de profundidade das construções literárias. “formar um leitor competente supõe que compreenda o que lê; [...] que estabeleça relações entre o texto que lê e outros textos já lidos; que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto”. (BRASIL, 1997, p. 41).

É importante que o trabalho com o texto literário esteja incorporado às práticas cotidianas da sala de aula, visto tratar-se de uma forma específica de conhecimento. Essa variável de constituição da experiência humana possui propriedades compositivas que devem ser mostradas, discutidas e consideradas quando se trata de ler as diferentes manifestações colocadas sob a rubrica geral de texto literário. (BRASIL, 1997, p. 29).

Com isso, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) nos mostram como é importante o papel da escola, dos profissionais (pedagogo, professor, bibliotecário) para o ensino da leitura literária. E a necessidade de ter um ambiente propício não apenas (biblioteca, mas toda a escola), em que haja condições adequadas para que a prática de leitura possa se concretizar de maneira eficaz, contribuindo dessa forma para a formação de leitores competentes.

4. AS PRÁTICAS DE LEITURA AO LONGO DA HISTÓRIA

Portanto, refletir sobre as revoluções do livro e, mais amplamente, sobre os usos da escrita, é examinar a tensão fundamental que atravessa o mundo contemporâneo, dilacerado entre a afirmação das particularidades e o desejo de universal. (Roger Chartier, *A aventura do livro: do leitor ao navegador*).

A sociedade da qual fazemos parte sofre constantes mudanças de acordo com o passar do tempo, sejam elas econômicas, sociais e culturais. Para acompanharmos os fatos já acontecidos em nossa sociedade é necessário que nos apropriemos de estudos históricos.

Dessa maneira iremos focar os estudos das práticas de leituras e as transformações da materialidade do suporte textual apropriados pelo historiador francês Roger Chartier, que nos apresentará os aspectos culturais que estão imbricados na maneira como as práticas de leitura ocorriam. Chartier (2001) nos diz: “[...] creio que a história social é pensada, necessariamente, como história de uma sociedade e ao mesmo tempo como história das categorias ou técnicas de sua própria tradição [...]”.

O suporte textual já se apresentou em vários formatos no meio social, do mesmo modo que as práticas de leitura já ocorreram de diversas formas. Acompanhando a mudança da humanidade, suportes e práticas sofreram transformações ao longo da história, até apresentarem-se aos seus formatos atuais. Chartier (2009) relata as transformações ocorridas no formato dos suportes textuais e nas práticas de leituras:

A leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados. Segundo a bela imagem de Michel de Certeau, o leitor é um caçador que percorre terras alheias. Apreendido pela leitura, o texto não tem de modo algum – ou ao menos totalmente – o sentido que lhe atribui seu autor, seu editor ou seus comentadores. Toda história da leitura propõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor. Mas esta liberdade leitora não é jamais absoluta. Ela é cercada por limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura. Os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem. (p. 77).

O leitor vai traçando ao longo da história marcas de acordo com as práticas de sua comunidade vivenciadas em seu tempo. Apresentando diversos gestos, hábitos e atitudes que são inventadas de acordo com o passar do tempo. Hoje realizamos as práticas de leitura de acordo com a época e as comunidades leitoras às quais pertencemos, sendo estas diferentes das que ocorreram em outros tempos. A respeito das revoluções da leitura, Chartier (apud MAROTO, 2009, grifos da autora) faz um panorama das revoluções e nos diz que:

A primeira revolução da leitura no início da Idade Moderna foi assim, de maneira geral, independente da revolução tecnológica na produção de livros. Ela teve raízes em mudanças ocorridas nos séculos XII e XIII, que transformaram a função mesma da palavra escrita, substituindo o modelo monástico, que atribuía à escrita uma tarefa de preservação e memória em grande parte dissociada da leitura, pelo modelo escolástico, que tornou o livro tanto um objeto como um instrumento de trabalho intelectual. [...]

A segunda revolução da leitura ocorreu durante a era da impressão, mas antes da industrialização da produção do livro. Tal revolução ocorrida na Alemanha, Inglaterra, França e Suíça, durante o século XVIII apoiou-se em diferentes circunstâncias: crescimento na produção do livro, [...], a multiplicação e transformação dos jornais, o triunfo dos livros de pequeno formato e a proliferação de instituições (sociedades de leitura, clubes do livro, bibliotecas de empréstimos), que tornaram possível ler livros e periódicos sem ter que comprá-los.

Essa série de transformações ocorreu sem grandes mudanças na tecnologia de impressão. Elas levaram ao desenvolvimento de novos gêneros textuais e novas práticas de leitura [...]. Uma relação comunal e respeitosa com a matéria escrita, feita de reverência e obediência, deu lugar a um tipo de leitura mais irreverente e desprezada. (p. 54).

Podemos perceber que por meio das revoluções ocorridas a partir do século XIII o livro se torna um objeto de trabalho e se prolifera em meio à sociedade, permitindo, assim, um aumento das comunidades leitoras, que, através das bibliotecas, começavam a ter um contato mais frequente com os diversos materiais de leitura.

4.1 TRANSFORMAÇÕES NA MATERIALIDADE DO SUPORTE DE TEXTO

Sabemos que as transformações sociais ocorrem e que a humanidade está vulnerável a sofrê-las de acordo com cada época. Mediante a tantas alterações, temos as tecnológicas, dentre elas as mudanças nos suportes

textuais, que nem sempre se apresentaram do modo como os conhecemos. O livro já sofreu várias mutações para chegar à forma que temos na atualidade. Chartier (1994) nos diz que:

[...] As “revoluções” ocorridas nas técnicas de reprodução de textos (com a passagem da *scribal culture* para a *print culture*); por outro, as mutações das formas específicas do livro. A substituição do livro em rolo (*volumem*) pelo livro em cadernos (*códex*) nos primeiros séculos da era cristã foi a mais importante: porém, outras, certamente mais discretas, modificaram os dispositivos visuais da página impressa entre o século XVI e o XVIII). Enfim, as mudanças em larga escala, tanto das competências quanto dos modos de leitura. Existem aí diferentes conjunturas, que não surgiram no mesmo ritmo e que não foram cadenciadas pelas mesmas censuras. A mais interessante pergunta formulada pela história da leitura hoje é, sem nenhuma dúvida, aquela que diz respeito às relações entre esses três conjuntos de mutações: as tecnológicas, as formais e as culturais. (p. 23-24).

Começamos a perceber diante das modificações apresentadas anteriormente, a influência que elas possuem na comunidade leitora, levando do surgimento de novos modos de leitura. E, quando falamos do *códex*, em particular, percebemos que ele possibilitou uma grande progressão da cultura escrita, pois o *códex* permitiu ao leitor novas práticas de leitura. Assim Chartier (2002) assevera:

No século IV da era cristã, uma nova forma de livro impôs-se definitivamente, em detrimento daquela que era familiar aos leitores gregos e romanos. O *códex*, isto é, um livro composto de folhas dobradas, reunidas e encadernadas, suplantou progressivamente mas inelutavelmente os rolos que até então haviam carregado a cultura escrita. Com a nova materialidade do livro, gestos impossíveis tornavam-se comuns: assim, escrever enquanto se lê, folhear uma obra, encontrar um dado trecho. Os dispositivos próprios do *códex* transformaram profundamente os usos dos textos. A invenção da página, as localizações garantidas pela paginação e pela indexação, a nova relação estabelecida entre a obra e o objeto que é o suporte de sua transmissão tornaram possível uma relação inédita entre o leitor e seus livros. (p. 106).

Possuímos uma variedade de materiais escritos, dentre eles temos a materialidade eletrônica, que é responsável por três grandes transformações no âmbito da escrita presente no mundo contemporâneo. Sendo essas transformações referentes à escrita no texto, à escrita diretamente na biblioteca e à constituição de uma biblioteca universal. De acordo com Chartier (1994), a

primeira transformação (escrever no texto) consiste em nos possibilitar a modificação no enunciado do texto, permitindo cortar, deslocar, mudar a ordem. Já na segunda (possibilidade de escrever na biblioteca) seria o conjunto de textos acumulados, permitindo ao leitor um intercâmbio imediato entre os indivíduos (livreiros, divulgadores, escritores) cuja escrita pode se realizar no próprio momento da leitura. E, por fim, constituir uma biblioteca universal (que abrange todos os textos escritos) possibilitando ao leitor, em qualquer lugar que esteja, poder ter acesso a esse patrimônio textual universal.

Os suportes textuais nem sempre nos permitiam tais habilidades, as quais foram anteriormente citadas. E “[...] passando do códex à tela, o “mesmo” texto não é mais o mesmo, e isso porque os novos dispositivos formais que o propõem a seu leitor modificam as suas condições de recepção e compreensão”:

Levado por uma técnica e um novo suporte, o texto pode se oferecer às manipulações do leitor, cujas intervenções não serão reduzidas, como no caso do livro impresso, a insinuar uma escritura manuscrita nos espaços em brancos deixados pela impressão tipográfica. Ao mesmo tempo, o fim do códex significará a perda de gestos e de representações indissolavelmente ligadas ao livro tal como o conhecemos. Sob a forma que adquiriu no Ocidente desde os começos da era cristã, o livro foi uma das mais poderosas metáforas utilizadas para pensar o cosmo, a natureza ou o corpo humano. Se vier a se apagar o objeto que forneceu a matriz desse repertório de imagens (poéticas, filosóficas, científicas), serão as referências e procedimentos que organizam a legibilidade do mundo, identificadas àquela de um livro em forma de códex, que se encontrarão profundamente alteradas. (CHARTIER, 1994, p. 92).

Em meio às transformações do livro, os hábitos e a maneira do leitor vão sendo alteradas, de modo que alguns gestos se perdem e novos aparecem, desenvolvendo, portanto, nos leitores novos hábitos, criando assim novas maneiras de ler. Mediante essas transformações que nos levam a novos hábitos, Chartier (2001) possui uma preocupação perante os riscos que o texto eletrônico pode trazer para a leitura; é o que sinaliza quando questionado pelo antropólogo Carlos Aguirre Anaya:

ANAYA: Você conclui seu ensaio do Códice à tela falando de um risco muito importante: que esta biblioteca, este armazém do patrimônio universal, não conserve os textos com suas referências.

CHARTIER: Exatamente. Há muitos riscos. Por exemplo, o de dar uma dimensão inédita, original, nova, ao tema que identificamos na discussão em torno de temos do excesso textual: um mundo textual que não possa ser manejado, que esmague o leitor mais do que o ajude, um mundo proliferante e incontrolável. Aqui, os bancos de dados e os terminais desta biblioteca universal, ao menos virtual, seriam uma figura particularmente extrema deste excesso de textos. O segundo risco poderia ser qualificado como político e econômico: o controle exercido sobre a própria constituição do repertório textual, em sua forma eletrônica, e o controle sobre os meios de difusão, como mostrou a discussão em torno das estradas da informação, a própria constituição dos bancos de dados, a língua que se fala no mundo da biblioteca virtual. Tudo isso tem uma dimensão política e econômica imediata que supõe escolhas, negociações, resistências. (p. 147).

Além dos riscos já colocados, Chartier ainda nos faz um alerta para o risco que o texto eletrônico pode trazer se, por exemplo, todos os textos impressos e os das bibliotecas se transformassem em textos eletrônicos, seria bom porque todos teriam acesso a essas escritas, mas haveria “o risco em esquecer o mundo em que estes textos foram escritos, comunicados, lidos, Perdendo, assim, a compreensão do mundo do livro em sua forma material” (CHARTIER, 2001, p. 147).

4.2 A INTERFERÊNCIA NA LEITURA DE ACORDO COM O SUPORTE TEXTUAL

De acordo com Chartier (1998), em se tratando da materialidade do texto, os aspectos materiais, como capa, contracapa, letra, imagem, têm grande importância e interferem decisivamente na leitura realizada. Um exemplo dessa interferência é quando realizamos a leitura de uma 1ª edição de um livro quando comparado com 2ª ou 3ª edição desse mesmo livro, a leitura realizada não será a mesma, pois a cada momento empregamos sentidos diferentes na leitura: também diferentes capas, manchas tipográficas (distribuição do escrito na página) e fontes impactam nossa disposição diante do texto e, portanto, nossas leituras. Podemos ler mais de três vezes o mesmo livro, que o texto nunca será o mesmo, havendo sempre uma compreensão que difere da outra.

A noção de materialidade assume uma importância significativa a ser compreendida, na qual devemos considerar o suporte textual. Chartier (2001)

vem nos dizer que é necessário que levemos em consideração a materialidade do texto, pois a sua materialidade, o seu formato, as suas imagens, a sua capa, pois são elementos importantes para o processo da construção de sentido, que empregamos gestos no ato da leitura. Afirmando que:

Ler um rolo implica uma prática completamente diferente à de ler um código; é claro que ler um rolo impede escrever e ler ao mesmo tempo, ou porque o leitor lê enquanto suas duas mãos detêm as réguas de madeira nas quais se enrola o rolo ou porque o fecha e tem em uma só mão os suportes deste, e escreve, mas sem poder ler. (CHARTIER, 2001, p. 44).

Desse modo:

Nisso consiste a maneira de dar uma realidade sociocultural à figura do leitor. Posso dizer, de maneira um pouco simplista, que se deve levar em consideração a materialidade do texto e a corporeidade do leitor, mas não só como uma corporeidade física (porque ler é fazer gestos), mas também como uma corporeidade social e culturalmente construída. (CHARTIER, 2001, p. 32).

Atualmente estamos diante de diversos materiais de leitura, tornando-se necessário então fazermos seleções de nossas leituras. Estando, pois, diante de inúmeros textos aos quais não damos e não daremos conta de ler em sua totalidade, devendo assim escolher o que nos é indispensável.

Algumas vezes, tem-se a ideia de que para resistir ao excesso (porque é a mesma coisa em uma biblioteca, onde todos os livros não podem ser lidos, ou frente à tela da rede eletrônica, onde não se podem receber nem manusear todos os textos acessíveis) são necessárias seleções e escolhas, por meio de diversos discursos, dos textos considerados como os mais importantes. (CHARTIER, 2001, p. 27).

4.3 PRÁTICAS DE LEITURA

Chartier (2001) nos diz que:

As práticas são inumeráveis. Cada um de nós realiza em um dia de vida profissional ou privada milhares de práticas cotidianas, ordinárias. É impossível para a história recolher ou dar uma representação adequada dessas práticas múltiplas, porque há uma situação muito difícil para a análise. Parece-me que o que podemos fazer na história da leitura não é restituir as leituras de cada leitor do passado ou do presente, como se tratássemos de chegar à leitura do

primeiro dia do mundo, mas sim, organizar modelos de leitura que correspondam a uma dada configuração histórica em uma comunidade particular de interpretação. Dessa maneira, não se consegue reconstruir a leitura, mas descrever as condições compartilhadas que a definem, e a partir das quais o leitor pode produzir esta criação de sentido que sempre está presente em cada leitura. (p. 32-33).

De acordo com Chartier (2001), as práticas são incontáveis “pois a cada dia milhões de indivíduos realizam milhões de ato de leitura” (p. 101). E afirma que o que pode ser feito com as práticas de leitura é organizá-las conforme foram ocorrendo ao longo da história de forma que correspondam a um determinado tempo vivido por uma dada comunidade. Não conseguimos reconstituir a leitura, mas descrever as condições nas quais o leitor produz sentido através da leitura, que são diferentes a cada momento em que são realizadas. “Devemos reconstruir as convenções de leitores, em que há uma compreensão das práticas particulares permitida pelas fontes” (CHARTIER, 2001, p. 33).

A história das práticas de leitura, a partir do século XVIII, é também uma história da liberdade na leitura. É no século XVIII que as imagens representam o leitor na natureza, o leitor que lê andando, que lê na cama, enquanto, ao menos na iconografia conhecida, os leitores anteriores ao século XVIII liam no interior de um gabinete, de um espaço retirado e privado, sentados e imóveis. O leitor e a leitora do século XVIII permitem-se comportamentos mais variados e mais livres – ao menos quando são colocados em cena no quadro ou na gravura. (CHARTIER, 1998. p. 78-79).

Com o passar do tempo o leitor vai se permitindo novas atitudes perante o momento da leitura, ficando mesmo até mais íntimo do texto. Vemos que as práticas de leitura que fizeram parte das outras civilizações tiveram seus inúmeros aspectos, dentre eles a leitura em voz alta, algo que era comum naquelas civilizações. Os povos reuniam toda a família na sala de suas casas para realizarem a leitura da Bíblia ou de outro livro, que fazia parte de uma convenção cultural daquela época.

Na antiguidade, a prática comum da leitura em voz alta, para os outros ou para si mesmo, não deve ser atribuída à ausência de domínio da leitura apenas com os olhos (que foi, sem dúvida, praticada no mundo grego desde o século VI antes de Cristo), mas a uma convenção cultural que associa fortemente o texto e a voz, a leitura, a declamação e a escuta. Essa característica subsiste, aliás, na época moderna, entre os séculos XVI e XVIII, quando ler em

silêncio se tornou uma prática comum dos leitores letrados. A leitura em voz alta permanecia então como o cimento fundamental de diversas formas de sociabilidade familiar, erudita, mundana ou pública, e o leitor que visa a vários gêneros literários ou é um leitor que lê para os outros ou é um “leitor” que ouve ler. (CHARTIER, 1994, p. 98-99).

Na comunidade leitora surgem novas práticas, os leitores são pautados por uma nova maneira de se portar, agora as leituras são realizadas no silêncio de suas intimidades, algo que com o passar do tempo vai tornando-se presente. Dessa maneira “cada comunidade organiza, explícita ou implicitamente, suas práticas de leitura e suas representações a partir da leitura particular de um texto particular” (CHARTIER, 2001, p. 114). As relações entre maneiras de ler, que se transformam, são influenciadas pelas práticas cotidianas:

Mas entre 1750 e 1850, da Alemanha à Nova Inglaterra, uma nova maneira de ler vai se impor. Ela é leitura de numerosos textos, lidos em uma relação de intimidade, silenciosa e individualmente. É, também, leitura laicizada, porque as ocasiões de ler se emancipam das celebrações religiosas, eclesiásticas ou familiares e porque se espalha um contato desenvolvido com o impresso, que passa de um texto a outro e que não tem mais respeito para com os objetos impressos, amassados, abandonados e jogados. (CHARTIER, 2001, p. 86).

As novas práticas vão se proliferando e essa nova maneira de ler que se impõe permite que os impressos ganhem espaço na sociedade, e então o livro torna-se um companheiro do leitor, construindo-se uma relação de intimidade entre o livro e o leitor, acompanhando-o em suas atividades. Chartier (2001) nos fala dessas novas representações:

A essa iconografia clássica, o retrato do século XVIII acrescenta uma outra: a do próprio ato de leitura, que supõe uma relação íntima entre um leitor e um livro. Novas representações são figuradas a partir de então: a leitura ao ar livre no jardim, sob as folhagens (Carmonetelle, o *Conde de Gentilis*, coleção da rainha da Inglaterra), a leitura em pé, acompanhando a marcha, como na silhueta recortada de Goethe dos anos 1780. Em *Camille Desmoulins na prisão*, de Hubert Robert (Wadsworth Atheneum, Hartford, Connecticut), a representação da leitura solitária alcança um ponto limite: em um isolamento forçado e absoluto, o livro torna-se companheiro de aflição, assim como alguns objetos familiares ou o retrato da mulher amada (p. 91).

É possível que percebamos que com o passar do tempo outros lugares de intimidades dos leitores são apontados, ambientes que proporcionam prazer e que vão permitindo que o leitor fique à vontade:

[...] A poltrona, dotada de braços e guarnecida de almofadas, a chaise-longue ou espreguiçadeira, a espreguiçadeira cortada com seu tamborete separado é, igualmente, novos assentos onde o leitor, mais frequentemente a leitora, pode se instalar À vontade e abandonar-se ao prazer do livro. [...] outros móveis implicam uma leitura menos relaxada, como a mesa de base móvel onde se pode colocar o livro, assim como o papel da escrita ou os *bonheur-du-jour*, escrivainhas que podem ter uma pequena biblioteca superposta. (CHARTIER, 2001, p. 91).

Esses novos ambientes criaram possibilidades de conforto e comodidade ao leitor na realização de sua leitura. Esses espaços foram se expandindo até possuímos uma diversidade de lugares, encontramos leitores em todas as partes, em ônibus, recepções, hospitais, prisões e, é claro, em ambientes mais tradicionais como as bibliotecas.

Não importa o ambiente de leitura escolhido por cada leitor, sabemos a importância do ato de ler, que se faz tão presente em nossa sociedade, independente do recinto, pois ler é uma necessidade social. Sem a leitura (silenciosa, em voz alta, de textos verbais e visuais etc.) quase não sobreviveríamos nessa sociedade, ficando significativamente excluídos de inúmeras relações sociais.

[...] Com efeito, por um longo período, a leitura parece não ter colocado qualquer questão: Não é ela o resultado mais universalmente partilhado da aprendizagem escola? Não implica sempre uma relação íntima entre o leitor solitário e o livro ou o jornal que é a sua leitura? Uma prática cultural, portanto, mas que naturalmente é a de (quase) todos e para todos idêntica. Além disso, podemos reconhecer o contraste entre grandes leitores e leitores de ocasião, entre lectores profissionais, para os quais ler é sempre mais ou menos gesto de trabalho, e todos aqueles para quem o encontro com os textos é simples informação ou puro divertimento. (CHARTIER, 2001, p. 19)

Quando lemos, possuímos memórias de leituras anteriores e de dados culturais, desse modo a acumulação de leituras anteriores é constituída no próprio movimento histórico e cultural, que provém de uma sociedade em um devido momento, permitindo certa hierarquização cultural. “Um texto só existe

se houver um leitor para lhe dar um significado” (CHARTIER, 1994, p. 11). “O texto implica significações que cada leitor constrói a partir de seus próprios códigos de leitura, quando ele recebe ou se apropria desse texto de forma determinada.” (CHARTIER, 1998. p. 152). Com isso vemos que:

[...] um livro existe sem leitor? Ele pode até existir como objeto, mas, sem leitor, o texto do qual ele é portador é apenas virtual. Será que o mundo do texto existe quando não há ninguém para dele se apossar, para dele fazer uso, para inscrevê-lo na memória ou para transformá-lo em experiência? Paul Ricoeur lembrou muitas vezes o fato de que um mundo de textos que não é conquistado, apropriado por um mundo de leitores, não é senão um mundo de textos possíveis, inertes, sem existência verdadeira. (CHARTIER, 1998. p. 154).

O historiador Chartier nos mostrou aspectos de grande importância que ocorreram no decorrer da história das práticas de leitura, e faz menção a grandes autores como Ricoeur, Bordieu, Elias, Marin, Foucault, que acompanharam a trajetória da história das práticas culturais contribuindo com seus pensamentos e investigações paralelas que são importantes no trabalho histórico. E também ressaltou a importância de trabalhos dos historiadores Robert Darnton e Carlo Ginzburg. Chartier (2001) frisa, ainda, a contribuição da obra do autor Michel de Certeau, que trata da reflexão sobre as práticas do presente, retratando a invenção do cotidiano e também sobre a história das práticas místicas que ocorriam nos séculos XVI e XVII, nos apresentando algo em comum tanto no cotidiano como nas práticas místicas (XVI e XVII), que é a apropriação.

Podemos acompanhar brevemente como ocorriam as práticas de leitura ao longo da história, dessa maneira vimos as transformações dos costumes pertencentes às épocas anteriores à época em que vivemos, analisando os diversos tipos de leitores e suportes textuais os quais fizeram e que ainda se fazem presente em nossa sociedade.

O início das transformações dos escritos foi gerando nos leitores novas habilidades, criando-se novos hábitos e costumes de leitura. Portanto, a partir do conhecimento do passado, há uma construção do presente e do futuro, em que a história carrega grande importância para a contemporaneidade, nos permitindo um conhecimento da humanidade de outros tempos vividos: “a

história tem uma função crítica, que é a sua função primordial [...]”. (CHARTIER, 2001, p. 79).

A leitura, sendo uma necessidade social, nos possibilita participarmos das relações sociais existentes. A leitura nos remete a diversos conhecimentos, dentre eles o de mundo, o da palavra, o do passado, o das culturas, possuindo o papel formador que possibilita que o leitor tome consciência dos fatos que vêm ocorrendo ao nosso redor, permitindo-nos enxergar as questões sociais que nos atingem, os atos políticos ocorridos; enfim: a leitura é um artefato cultural que nos permite saber.

No que diz respeito a nossa pesquisa, essa compreensão da variabilidade dos suportes e, conseqüentemente, das formas de leitura é importante porque, em uma escola de ensino fundamental, as crianças leem diversos materiais, em diferentes situações, com diferentes finalidades. Ao realizarmos, pois, a observação de campo, precisamos ter claro um fundamento teórico-crítico que nos permita levar esses dados em consideração.

5- PRINCÍPIOS TEÓRICOS

Para embasar as nossas análises iremos trabalhar com o autor Roger Chartier, que é conhecido mundialmente na área dos estudos históricos culturais da leitura, devido às suas teorias que retratam a importância das práticas de leituras. A partir de seus estudos sobre a história cultural, Chartier (1990) nos propõe que “o principal objeto é identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”.

Dessa forma, pode pensar-se uma história cultural do social que tome por objeto a compreensão das formas e dos motivos – ou, por outras palavras, das representações do mundo social – que, à revelia dos actores sociais, traduzem as suas posições e interesses objectivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse. (CHARTIER, 1990, p. 19)

O autor Chartier afirma que o desafio de desenvolver o gosto dos jovens pela leitura é papel da escola, a qual tem o dever de incentivar os alunos a terem uma relação com o patrimônio cultural, apresentando-lhes aos alunos a importância da leitura em seu papel de promover um entendimento de mundo pelo do ato de ler:

É preciso utilizar aquilo que a norma escolar rejeita como um suporte para dar acesso à leitura na sua plenitude, isto é, ao encontro de textos densos e mais capazes de transformar a visão do mundo, as maneiras de sentir e de pensar. (CHARTIER, 2009, p. 104).

É necessário que se leve os leitores a refletir sobre os discursos presentes na sociedade, levando-os a uma compreensão de si e do mundo cuja efetivação se dá na leitura. Cada leitor, para cada uma de suas leituras, em cada circunstância, é singular e sua compreensão é de alguma maneira única, porém inserida em comunidades culturais, assim como afirma Chartier (1990):

No ponto de articulação entre o mundo do texto e o mundo do sujeito coloca-se necessariamente uma teoria capaz de compreender a apropriação dos discursos, isto é, a maneira como estes afectam o leitor e o conduzem a uma nova norma de compreensão de si próprio e do mundo (p. 24).

Na história cultural, os conceitos de práticas, representações e apropriações são interligados. As práticas dão existência às representações e através das práticas ocorrem as apropriações, portanto:

Chartier pensa, a partir das noções complementares de práticas (“modos de fazer”) e representações (“modo de ver”), as transferências entre oral e escrito e vice-versa e as participações de sujeitos não-letrados na cultura letrada. As práticas culturais devem ser pensadas, pois, em relação a usos, a modos de vida, a atitudes, a instituição questionamento de normas de convivência, a padrões de caráter, a repertórios simbólicos (ou seja, em relação a representações). Desse modo, práticas e representações são noções dinâmicas, indissociáveis (porque complementares) (DALVI, 2012, p. 8).

Os conceitos de práticas e representações defendidos por Roger Chartier têm uma relação direta com a perspectiva metodológica do nosso trabalho, na qual abordaremos alguns princípios da pesquisa-ação que ocorre em forma de espiral, que se fará por meio da observação, gerando uma reflexão que nos fará pensar como esta ocorrendo a prática de leitura em determinado grupo escolar. Chartier (2010) assevera que:

O objetivo fundamental de uma história que se propõe reconhecer a maneira como os atores sociais dão sentido a suas práticas e a seus enunciados se situa, portanto, na tensão entre, por um lado, as capacidades inventivas dos indivíduos ou das comunidades e, por outro, as restrições e as convenções que limitam – de maneira mais ou menos clara conforme a posição que ocupam nas relações de dominação – o que lhes é possível pensar, dizer e fazer. Essa observação é válida também para as obras letradas e as criações estéticas, sempre inscritas nas heranças e nas referências que as fazem concebíveis, comunicáveis e compreensíveis. É válida, desse modo, para as práticas ordinárias, disseminadas e silenciosas, que inventam o cotidiano. (p. 49).

As práticas estão relacionadas à história da sociedade, em que, ao longo do tempo, são transformadas, sofrendo mudanças de acordo com os novos costumes e hábitos sendo alteradas assim as antigas práticas, dando lugar as novas práticas que advêm de acordo com a nova época vivenciada:

[...] Articular uma história das práticas de leitura, portanto, dos usos dos textos, isto é, (dos empregos dos mesmos textos): por exemplo, entre leitura em voz alta, para si ou para os outros, e leitura em silêncio, entre leitura do foro privado e leitura da praça pública, entre leitura sacralizada e leitura laicizada, entre leitura (intensiva) e leitura

(extensiva), para retomar a terminologia de R. Engelsing. Para além das clivagens macroscópicas, o trabalho histórico deve ter em vista o reconhecimento de paradigmas de leitura válidos para uma comunidade de leitores, num momento e num lugar determinados. [...]. (CHARTIER, 1990, p. 131).

Acompanhar como se dá essa prática na atualidade se faz necessário, pois as mesmas ocorrem de maneira diferente de acordo com cada época. E é por meio dos materiais que circulam na sociedade, que os hábitos desse grupo atual, que vive uma nova época, um novo tempo, vivenciam novas práticas de leitura.

Pensar deste modo as apropriações culturais permite também que não se considerem totalmente eficazes e radicalmente aculturante os textos ou as palavras que pretendem moldar os pensamentos e as condutas. As práticas que deles se apoderam são sempre criadoras de usos ou de representações que não são de forma alguma redutíveis à vontade dos produtores de discursos e de normas. O acto de leitura não pode de maneira nenhuma ser anulado no próprio texto, nem os comportamentos vividos nas interdições e nos preceitos que pretendem regulá-los. A aceitação das mensagens e dos modelos opera-se sempre através de ordenamentos, de desvios, de reempregos singulares que são o objeto fundamental da história cultural (CHARTIER, 1990, p. 136 e 137).

Dessa maneira:

Antes de mais nada, dar à leitura o estatuto de uma prática criadora, inventiva produtora, e não anulá-la no texto lido, como se o sentido desejado por seu autor devesse inscrever-se com toda a imediatez e transparência, sem resistência nem desvio, no espírito de seus leitores. Em seguida, pensar que os atos de leitura que dão aos textos significações plurais e móveis situam-se no encontro de maneiras de ler, coletivas ou individuais, herdadas ou inovadoras, íntimas ou públicas e de protocolos de leitura depositados no objeto lido, não somente pelo autor que indica a justa compreensão de seu texto, mas também pelo impressor que compõe as formas tipográficas, seja com um objetivo explícito, seja inconscientemente, em conformidade com os hábitos de seu tempo (CHARTIER, 2001, p. 78).

No que diz respeito ao tempo, Chatier (2010) nos diz que o presente é uma apropriação do passado sendo o mesmo uma herança assim como uma ruptura com o passado. Portanto o acontecimento (a prática de nossa época) não ocorre do nada, mas de algo já existente em nosso meio, sendo frutos de

outros fatos que emergem tal acontecimento no decorrer do tempo através do trajeto histórico. O autor assevera que:

A apropriação, tal como a entendemos, tem por objetivo uma história social das interpretações, remetidas para as suas determinações fundamentais (que são sociais, institucionais, culturais) e inscritas nas práticas específicas que as produzem. Conceder deste modo atenção às condições e aos processos que, muito concretamente, determinam as operações de construção de sentido (na relação de leitura, mas em muitas outras também) é reconhecer, contra a antiga história intelectual, que as inteligências não são desencarnadas, e, contra as correntes de pensamento que postulam o universal, que as categorias aparentemente mais invariáveis devem ser construídas na descontinuidade das trajetórias históricas (CHARTIER, 1990, p. 26 e 27).

Sendo assim Chartier (2009) vem enfatizar que para conhecermos melhor as apropriações que o leitor está dando ao texto lido, “o caminho mais imediato que se oferece é o da confiança a respeito de seus modos de ler, e dos sentidos que descobrem nos textos”.

A leitura é uma forma de buscarmos conhecimento, ou simplesmente viajar na imensidão do mundo. Por meio da leitura é que podemos ir além do que queremos, do que buscamos, do que imaginamos. Com isso Goulemot (apud CHARTIER, 2001) vem nos dizer que:

De fato, a leitura é jogo de espelhos, avanço especular. Reencontramos ao ler. Todo o saber anterior – saber fixado, institucionalizado, saber móvel, vestígios e migalhas – trabalha o texto oferecido à decifração. Não há jamais compreensão autônoma, sentido constituído, imposto pelo livro em leitura (CHARTIER, 2001, p. 115).

Portanto um livro só adquire existência e importância quando o leitor que o lê, der significados a ele, e que esses significados mudem ao longo de suas leituras e práticas que irão aparecendo ao longo do tempo. Para esclarecer melhor o autor Borges (apud CHARTIER 2001) no diz:

O que são palavras postas em um livro? O que são esses símbolos mortos? Nada absolutamente. O que é um livro se não abrimos? É simplesmente um cubo de papel e couro, com folhas; mas se o lemos acontece algo estranho, creio que muda a cada vez. Heráclito disse (o repeti demasiadas vezes) que ninguém se banha duas vezes no mesmo rio. Ninguém se banha duas vezes no mesmo rio porque as águas mudam, mas o mais terrível é que nós não somos fluidos que o

rio. Cada vez que lemos um livro, o livro mudou, a conotação das palavras é outra (CHARTIER, 2001, p. XI).

Para um embasamento teórico nos aportamos das seguintes obras de Chartier: *A história cultural entre práticas e representações* (1990); *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVII* (1994); *A aventura do livro: do leitor ao navegador* (1998); *Os desafios da escrita* (2002); *Práticas da leitura* (2001); *Cultura escrita, literatura e história* (2001); *A história ou a leitura do tempo* (2010).

O pensamento de Roger Chartier nos leva a refletir como ocorriam as práticas de leitura no decorrer do tempo, como estão ocorrendo hoje nas escolas, e como deveria ser realizado pelos docentes para que os alunos saibam a importância de ser um leitor. Com tanto o seu pensamento contribuirá para a nossa pesquisa devido às suas afirmações em torno da importância de ser um leitor e das escolas estarem proporcionando aos seus alunos com a vivência com o patrimônio cultural (a leitura), pois a escola é a responsável em despertar o gosto dos alunos pela mesma.

6- REVISÃO DE LITERATURA

Buscando contextualizar nossa pesquisa recorreremos à revisão de literatura que com o objetivo de dialogarmos com trabalhos científicos realizados por autores que possuem questionamentos relacionados à leitura literária.

Dentre os autores utilizados nos apontamos em Ramos e Zanolla (2008) que empregaram em seu trabalho o autor Antonio Candido (1995) que nos propõe refletir a respeito dos direitos humanos e da literatura. Candido faz alguns questionamentos como por que alguns segmentos sociais defendem que o cidadão tenha direito a alimentação, a saúde, a se vestir e não tem o direito de ler uma literatura ou a ouvir uma música clássica. Para Candido, as pessoas necessitam da sobrevivência física assim como precisam ter direito à literatura e a arte, tornando a literatura correspondente a uma necessidade universal.

Desse modo concordamos com Silva (2005) quando diz que a literatura tem um caráter educativo, possibilitando ao leitor refletir sobre sua realidade, sobre o próprio tempo a partir do contato com lugares e personagens diversos. O que provoca a socialização de saberes, concepções de mundo. O que não significa que seja usada para isso, pois a escola quando utiliza a literatura para ensinar alguma coisa pode imobilizar o sentido e aprisionar o leitor em único modo de leitura, podendo ser muitas vezes desagradável.

Nesse sentido Silva (2003) defende que à medida em que a leitura vai sendo imposta aos alunos de forma obrigatória, esses sujeitos vão adquirindo a leitura como uma tarefa dolorosa. E com essas práticas sendo alcançadas ao longo da vida escolar faz com que os alunos tenham pouca possibilidade de ver a leitura como algo prazeroso.

Com a obrigatoriedade estando em destaque o aluno acaba deixando de lado suas escolhas pessoais, tendo em vista que já é imposto para ele várias leituras que serão cobradas no ambiente escolar, desse modo o aluno não dará conta de buscar novas leituras. Tendo em vista que a sociedade em que

estamos inseridos oferece várias outras coisas atraentes aos nossos olhos, principalmente para os adolescentes e jovens.

Faz-se necessário e é de extrema importância que a escola exerça seu papel no processo de mediação entre a leitura literária e o aluno, devendo estar presente em seu contexto de ensino e no cotidiano escolar, envolvendo o professor na prática, devendo trabalhar com a literatura em sala de aula. Com isso acreditamos e percebemos que:

O papel da escola é o de formar leitores críticos e autônomos capazes de desenvolver uma leitura crítica do mundo. Contudo, na prática, essa noção ainda parece perder-se diante de outras concepções de leitura que ainda orientam as práticas escolares. (SILVA, 2003, p. 515).

Desse modo:

O aluno deveria ser orientado para compreender o papel estético da literatura, bem como a função social desta manifestação artística. Não encontrando uma relação direta entre o texto literário e o seu cotidiano, o aluno não percebe a literatura como espaço de construção de mundos possíveis que dialogam com a realidade. É fundamental que a escola aborde a função social da literatura como uma possibilidade de "ler o mundo", contribuindo, assim, para a formação de leitores críticos, capazes de articular a leitura de mundo à leitura produzida em sala de aula. (SILVA, 2003, p. 517).

Para que o aluno seja um leitor crítico é fundamental que a escola propicie momentos em que desperte nos alunos a vontade de ser um leitor, em que ele descubra a importância de praticar a leitura literária em seu cotidiano. Assim:

É preciso que a escola amplie mais atividades, visando a leitura da literatura como atividade lúdica de construção e reconstrução de sentidos. O aluno-leitor deve sentir-se motivado a ler o texto, independentemente da imposição das tarefas escolares requeridas pelos professores. Contudo, parece-nos que o contexto escolar privilegia mais o *ensino da literatura*, no qual a leitura realizada pelos professores é diferente daquela efetivada pelos alunos, pois a diversidade de repertórios, conhecimento de mundo, experiências de leitura influenciam diretamente o contato do leitor com o texto. Tanto a *leitura da literatura*, quanto o *ensino da literatura* deveriam estar presentes no contexto escolar de modo articulado, pois são dois níveis dialogicamente relacionados. (SILVA, 2003, p.520).

Acreditando na seriedade que a literatura carrega, sabemos que a escola precisa propiciar aos alunos momentos de vivência em que tenham acesso aos livros. Dessa maneira concordamos com Silva (2005) quando retrata que a biblioteca é um espaço apropriado para a realização da leitura sendo essencial no processo de formação do leitor, tornando-se assim um instrumento de mediação de leitura. A autora afirma:

A leitura, ou melhor, a falta dela, constitui-se em algo que aflige diversos setores da sociedade: governo, mídia, editoras, educação, pais, professores, escritores, pesquisadores, entre outros. Aflige e angustia porque não é uma questão que poderá ser resolvida com um simples decreto, uma propaganda televisiva criativa, não pode, com conselhos paternos ou pesquisas que analisem o processo de formação do leitor dentro de ambiente escolar. Talvez o problema da falta da leitura, e entendemos aqui a leitura literária de qualidade, possa começar a ser resolvido com a colaboração organizada de todos aqueles setores acima, pois ler é, antes de uma opção e/ou gosto pessoal, uma atividade que precisa de mediação. (p.140).

Se todos os órgãos acima citados colaborarem para a realização da prática da leitura literária, iremos com certeza ter mais leitores de literatura em nossa sociedade o que é fundamental. Desse modo percebe-se a importância da mediação na fala de Silva (2005) que nos diz:

Apesar de perceber a importância da sociedade em geral no incentivo à leitura, entendemos que é da escola o papel principal na formação de um leitor que possa se colocar de forma ativa (interativa) frente a um texto, em especial, o texto literário, uma vez que é entre seus muros que uma grande parte das pessoas entra em contato pela primeira e, talvez, última vez com tal tipologia. Assim, o papel de mediação na leitura fica nas mãos, principalmente, dos professores, pois nem todas as escolas populares de nosso país (ousamos dizer: a maioria) contam com a presença de um bibliotecário e, sequer, de uma biblioteca. (p.140).

Silva (2005) afirma que “Eleger a leitura literária como bem essencial à vida humana é favorecer não apenas a inclusão, mas a compreensão do que significa viver em sociedade. E esse é o papel primeiro da escola” (p.144). É evidente que em nossa prática nós possamos incluir de fato a leitura literária na vida dos nossos alunos, contribuindo dessa forma para formar leitores de mundo.

É importante deixar claro: para formar um leitor é imprescindível que entre a pessoa que lê e o texto se estabeleça uma espécie de comunhão baseada no prazer, na identificação, no interesse e na liberdade de interpretação. É necessário também que haja esforço e

este se justifica e se legitima justamente através da comunhão estabelecida. (AZEVEDO, 2001, p. 2).

Sobre o papel fundamental que os professores devem realizar em sua prática escolar Pereira e Oliveira (2004) afirmam que “Entende-se, ainda que as condições ideais necessárias a uma prática de ensino da leitura coerente deveriam ser realizadas na escola, com a presença de professores leitores, informados e instrumentalizados para tal prática” (p. 2):

[...] Uma forma de despertar sentimentos e efeitos jamais percebidos por inúmeros alunos advindos das mais variadas camadas sociais e que, muitas vezes, só encontram ali, na escola, espaço para externá-los ou, até mesmo, senti-los. Então, respondendo à pergunta do título deste item, devemos ler literatura na escola porque esta é uma das melhores (senão a melhor, e, talvez a única) oportunidade que temos de nos tornar seres, verdadeiramente, humanos. (SILVA 2005, p. 65).

As autoras Pereira e Oliveira (2004) também retratam a utilização de material inadequado nas instituições escolares, em que a escola e os professores se aportam de um único tipo de material didático, que são materiais empobrecidos em relação ao conteúdo literário. Afirmam ainda que a utilização de obras de ficção permite que o leitor possa “conhecer melhor o seu mundo próprio”. (p. 2). O que difere dos materiais didáticos. Em relação ao papel das instituições escolares Silva (2005) nos faz um alerta:

Esse papel mediático da escola só será efetivamente concretizado quando esta refletir criticamente sobre três questões fundamentais: (i) saber ler e saber decifrar são duas coisas diferentes e que exigem ações e posturas pedagógicas distintas; (ii) a escola, de maneira geral, ainda não entendeu que a leitura é um ato de construção/atribuição e não de extração de sentidos e, por fim, (iii) para um número significativo de pessoas (grupos sociais), o domínio da leitura e da escrita ainda não se apresentou como condição essencial de sobrevivência, sendo esses dois instrumentos culturais sub-utilizados ou completamente relegados ao desuso. (p. 52).

É fundamental que a escola possa refletir sobre a sua prática e postura no papel social sendo mediadora da leitura, entendendo que a leitura é essencial e se faz a partir da construção de sentidos.

A literatura infantil é como uma manifestação de sentimentos e palavras, que conduz a criança ao desenvolvimento do seu intelecto, da personalidade, satisfazendo suas necessidades e aumentando sua capacidade crítica. Esta literatura tem o poder de estimular e/ou

suscitar o imaginário, de responder as dúvidas do indivíduo em relação a tantas perguntas, de encontrar novas ideias para solucionar questões e instigar a curiosidade do leitor. Nesse processo, ouvir histórias tem uma importância que vai além do prazer. (PEREIRA e OLIVEIRA, 2004, p. 3).

Sabendo que a literatura não é vista por muitos educadores como uma maneira de formar leitores críticos, e praticada em muitas escolas apenas na resolução de tarefas procuramos buscar com o projeto de leitura literária que está no anexo desse trabalho desenvolver nas turmas do 3º e 5º anos uma forma prazerosa de trabalhar as atividades.

7- METODOLOGIA

A pesquisa em questão é de natureza qualitativa. As pesquisas desse caráter têm por objetivo principal capturar as experiências dos sujeitos, analisando seus comportamentos, emoções, medos, falas, o que possibilita a reconstrução e compreensão da realidade. Assim, “seu foco de interesse é amplo e parte de uma perspectiva diferenciada da adotada pelos métodos quantitativos” (NEVES 1996, p. 1). O autor afirma ainda que a pesquisa qualitativa deve ter

[...] a obtenção de dados descritivos mediante o contato direto e interativo do pesquisador com a situação objeto de estudo. Nas pesquisas qualitativas, é frequente que o pesquisador procure entender os fenômenos, segundo a perspectiva dos participantes da situação estudada e, a partir, daí situe a sua interpretação dos fenômenos estudados. (NEVES 1996, p. 1).

Dessa forma procuramos observar e entender a dinâmica que ocorria naquele ambiente, conhecendo as características e as experiências dos sujeitos envolvidos naquele espaço, intervindo diretamente no cotidiano dos mesmos. Os autores Bogdan e Biklen (apud DAMASCENO, 2006, p.13) definem a pesquisa qualitativa como:

[...] um termo genérico que agrupa estratégias de investigação que partilham de determinadas características. Os dados recolhidos são [...] ricos em pormenores descritivos relativos a pessoas, locais e conversas e de complexo tratamento estatístico. (DAMASCENO, 2006, p.13)

Com base na pesquisa qualitativa em que o foco é as expressões dos sujeitos, nossa pesquisa de campo teve uma possível intervenção, na qual houve a inserção de um projeto de leitura literária. Sendo, portanto, uma pesquisa qualitativa que se apropriou de alguns conhecimentos da pesquisa-ação. Costa (2002) vem afirmar que “A pesquisa-ação, assim, é concebida como aliança estratégica de sujeitos coletivos inscritos em categorias singulares, que passam a produzir relatos sobre si e sobre suas tradições e posições socioculturais [...]”, o que nos possibilitou uma convivência participativa com esses sujeitos.

A pesquisa-ação aponta a transformação das situações, dos discursos, das práticas, em busca de novas ações que possam ajudar determinado grupo ou comunidade a rever e agir de maneira que possam ocasionar melhorias para a vida cotidiana de cada sujeito ali envolvido. “Numa pesquisa-ação, a teoria decorre da avaliação permanente da ação. Encontra-se o seguinte processo de pesquisa em espiral” (BARBIER, 2007, p. 143), em que há a avaliação da ação que ocorre, um planejamento da ação e a observação, seguido da reflexão. A esse respeito, Neves (2006) afirma que:

A pesquisa-ação busca uma apreensão dos significados produzidos no contexto pesquisado; um agir comunicativo, pautado por uma ética emancipatória neste contexto, com o intuito de transformá-lo a partir do entendimento entre os sujeitos envolvidos no processo investigativo sobre os problemas encontrados e suas possíveis soluções (NEVES, 2006, p. 15).

A pesquisa está em diálogo com alguns princípios da pesquisa-ação, mas mesmo antes de irmos a campo já havíamos pressuposto a ideia de implantar um projeto de leitura literária na escola pesquisada de forma que entendemos que a prática da leitura literária é importante e se faz fundamental no contexto escolar. Ao chegarmos ao ambiente de estudo percebemos que os sujeitos que ali se encontravam eram leitores de literatura, mas naquele momento a escola não desenvolvia nenhum projeto de leitura. Desse modo, observamos as práticas dos professores, bibliotecária e pedagoga que são consideramos mediadores no processo de ensino aprendizagem, vimos à forma que esses educadores interferiam no desenvolvimento da leitura de literatura e percebemos que o que faltava era trabalhar de forma sistematizada em que a leitura realizada pelos alunos poderia ser explorada de maneira que os mesmos pudessem ter uma aproximação com que leem, além de expor suas opiniões e ideias a respeito do que haviam lido ou do que entendiam por literatura infantil, seus gostos e seus conhecimentos.

Dessa maneira, houve a observação participante que nos possibilitou adentrar o mundo social dos sujeitos, pois como afirma André (apud LANTIMAN, ROCHA e VICENTE, 2013), “[...] a observação é chamada de participante

porque parte do princípio de que o pesquisador tem sempre um grau de interação com a situação estudada, afetando-a e sendo por ela afetado” (p. 42).

7.1 A ESCOLA E OS PROFISSIONAIS

Nossa pesquisa de campo foi realizada em uma escola municipal de ensino fundamental situada no bairro Jardim da Penha do município de Vitória (ES) atendendo ao público de alunos do 1º ao 9º ano. Decorreu em um espaço no qual realizávamos a disciplina de estágio supervisionado em horário matutino. Desenvolvemos nosso trabalho com alunos do 3º e 5º ano, tendo como foco observar como ocorriam as práticas de leitura vivenciada por esses sujeitos que estão no final do 1º e no início do 2º ciclo da alfabetização, podendo ser retidos se não houver a competência na realização da decifração do código escrito. Com isso Chartier vem nos dizer que:

Entre as leis sociais que modelam a necessidade ou a capacidade de leitura, as da escola estão entre as mais importantes, o que coloca o problema, ao mesmo tempo histórico e contemporâneo, do lugar da aprendizagem escolar numa aprendizagem da leitura, nos dois sentidos da palavra, isto é, a aprendizagem da decifração e do saber ler em seu nível elementar e, de outro lado, esta outra coisa de que falamos, a capacidade de uma leitura mais hábil, que pode se apropriar de diferentes textos. (2001, p. 240)

A partir disso, promovemos o desenvolvimento do projeto de leitura literária “Viagem pelo mundo da leitura”, em que percebemos que o mesmo pode auxiliar os alunos na aquisição de tal competência de leitura. Procuramos contribuir com os profissionais da instituição escolar, promovendo uma reflexão sobre as práticas de leitura de nosso tempo, para que possam contribuir para a formação de futuros cidadãos críticos. O período que ficamos na escola foi dividido em observação e intervenção. A princípio observamos como ocorriam as práticas da professora A do 3º ano e da professora B do 5º. Desse modo pudemos vivenciar o cotidiano desses sujeitos e perceber como eles se relacionavam com a literatura infantil.

Foram envolvidos na pesquisa 4 (quatro) profissionais, dentre eles: a professora A do 3º ano, a professora B do 5º ano, a bibliotecária e a pedagoga.

A EMEF localiza-se em um espaço alternativo desde 2010 para viabilizar a reforma do prédio escolar, no qual funciona desde a década de 70. Desse modo, a escola funciona em três turnos, atendendo no matutino e vespertino ao público infantil e juvenil e no noturno a educação de jovens e adultos. No ano letivo de 2013 a EMEF “ACM” funciona com 11 turmas de ensino fundamental, nos turnos matutino e vespertino, e 4 turmas no turno noturno, atendendo um total de 683 alunos.

O espaço físico escolar se constitui de um prédio de 4 andares. No 1º piso há uma quadra poli-esportiva coberta, refeitório, secretaria, sala de professores (pequena e com arquivo da secretaria), banheiros de funcionários, almoxarifado e espaço de materiais de educação física, sala da direção/cantina e secretaria, sala do programa da Educação em Tempo Integral, ao 2º piso o acesso é feito por escadas estreitas, íngreme e que não atendem à diversidade dos alunos; sala dos coordenadores e pedagogos integrada; seis salas de aula relativamente pequenas, banheiros – masculino e feminino para os alunos, necessitando de reforma. No 3º piso são seis salas de aula com as mesmas características do segundo piso; sala de coordenadores e pedagogos; depósito de material didático. E no 4º piso e último andar há um laboratório de informática equipado com 21 computadores, impressora, lousa digital, quites de multimídia, além de outros recursos tecnológicos, uma biblioteca equipada com livros técnicos para professores, livros didáticos e paradidáticos para alunos e professores, além de literatura infanto-juvenil, um auditório equipado com cadeiras acolchoadas, televisão de 42 polegadas e aparelho de DVD e vídeo, além de caixa de som acústica e uma sala de recursos de educação especial com materiais adequados.

7.2 - O PROCESSO E OS INSTRUMENTOS DE COLETAS DE DADOS

Para expormos o processo e os instrumentos de coleta de dados, estabelecemos que o trabalho fosse dividido em partes. De maneira que, na primeira parte, realizamos observações do cotidiano da escola de modo que observamos como eram os sujeitos que estavam presentes naquele espaço, tendo a percepção de como interagiam no ambiente escolar, as suas práticas,

o desenvolvimento de conversas, o diário de campo, e na segunda parte concretizamos a intervenção com o projeto de leitura literária. Como forma de obter um suporte à pesquisa de campo, foi realizada uma análise bibliográfica e documental em que abordamos os documentos que regem a educação básica e nos orientam na prática escolar.

8 - ANÁLISE DE DADOS

8.1 - PRIMEIRO MOMENTO: UMA CONVERSA SOBRE A PESQUISA DE CAMPO

Agora iremos dar ênfase maior nas experiências vivenciadas durante a pesquisa: Ao chegarmos ao campo de pesquisa a pedagoga da escola nos recebeu com muita atenção e se colocou à disposição durante o desenvolvimento do nosso trabalho, desse modo nos apresentou as turmas do 3º e 5º ano com as quais realizamos a pesquisa. A turma do 3º ano é composta por 25 alunos, sendo 15 meninas e 10 meninos, com a faixa etária entre 8 e 9 anos. Trata-se de um grupo participativo, no qual a maioria dos alunos/as interage na realização das atividades de sala, de casa e participam das aulas fazendo questionamentos. A turma do 5º ano é composta por 30 alunos, sendo 14 meninas e 16 meninos, com a faixa etária entre 10 e 12 anos. A turma também é um grupo participativo, cuja maior parte interage nas discussões e atividades.

Fizemos um primeiro contato com as professoras das turmas; conversamos com a professora A do 3º ano e com a professora B do 5º ano, vendo uma possibilidade de realizarmos uma pesquisa de campo em que dialogaríamos sobre a importância da literatura infantil. Pedimos às professoras se seria possível nos ceder uma aula por semana para que desenvolvêssemos nosso trabalho de intervenção com um projeto de literatura, de forma que houvesse um planejamento para que realizássemos atividades de leitura literária.

A partir disso, a professora A aceitou e nos falou que “é muito bom o trabalho da pesquisa, mas é importante que nós tenhamos acesso aos resultados, para sabermos o que podemos melhorar no nosso trabalho” (fala da professora A), falamos a ela que a pesquisa estaria disponível para acesso e consideramos importante o fato dela ter interesse na pesquisa. Então ela permitiu que pudéssemos desenvolver o projeto de leitura literária nos relatando: “Eu agora estou começando a trabalhar pontuação com eles, então vocês poderiam me ajudar com a pontuação através da literatura, quando eles estiverem lendo, ou quando vocês solicitarem algum tipo de escrita”. A partir da fala da professora

A é possível que detectemos que a mesma nos propôs uma troca, na qual nós poderíamos ficar com uma aula desde que ajudássemos com o ensino da pontuação. O que durante a realização do projeto por nós, não foi possível realizarmos o trabalho com a pontuação, por darmos prioridade a outras atividades em torno da literatura infantil. Observamos que a literatura mais uma vez é utilizada com um interesse escolar, sendo aproveitado como um recurso para as aulas de português para o ensino da gramática. Mas acreditamos que, além do ensino da gramática, é preciso que o trabalho com a literatura infantil não se reduza a apenas isso, mas sim como afirma Dalvi (2013):

A leitura dos textos literários, na escola, deve ser guiada pelo professor com segurança, mas com delicadeza e com discrição, de modo que o aluno seja efetivamente um leitor com identidade própria, isto é, um leitor que leia com sua memória, sua imaginação, sua experiência vital, suas expectativas e seus conhecimentos linguísticos e literários. É necessário que as emoções e os afetos – a alegria, a tristeza, a angústia, a piedade, a indignação, a revolta...-, fundamentais nos jovens, nos adolescentes e nas crianças, não sejam asfixiadas ou esterilizadas no ato de leitura por matrizes ou grades de leitura ou por modelos analíticos-interpretativos de aplicação mecânica. Nessa perspectiva, as emoções e os afetos são indissociáveis do conhecimento do mundo, da vida e de si próprio que o texto literário possibilita e ajuda a desenvolver no leitor. As opiniões, as crenças e os valores do leitor são interpelados pelo texto literário – e vice-versa. (DALVI, 2013, p. 80).

Na conversa com a professora B foi possível que localizássemos através de sua fala a preocupação com os conteúdos das disciplinas (português e matemática), pois ela questionou a quantidade de conteúdo que precisava passar até o final do ano, não restando muito tempo para o projeto de literatura que realizaria com a sua turma, o qual deveria ter começado no início do ano letivo, mas só se iniciou no segundo trimestre. Mesmo questionando a falta de tempo para o conteúdo a professora B nos permitiu que desenvolvêssemos o trabalho em sua turma.

Desse modo concordamos com Rezende (2013) quando afirma que um dos maiores problemas da leitura literária na escola não é a resistência por parte dos alunos, mas a falta de tempo, de espaço que há no âmbito escolar para que ocorra de fato o desenvolvimento desse conteúdo. Acreditamos que deve haver um tempo, um planejamento reservado para o ensino e o desenvolvimento do trabalho com a literatura infantil na sala de aula, havendo

uma seriedade no desenvolvimento desse trabalho, pois sabemos do importante papel que a literatura possui na vida do leitor, sendo assim:

Os textos literários lidos e estudados na disciplina de português na escola devem ser escolhidos tendo em consideração o desenvolvimento linguístico, psicológico, cognitivo, cultural e estético dos alunos, mas devem ser sempre textos de qualidade literária, isto é, textos ímpares pela criatividade, pela inovação e pelo risco na utilização da língua e das formas, pela densidade, pela originalidade, pela riqueza e pela sedução dos mundos representados, pela preocupação com o humano, pela possibilidade de leitura aberta – uma leitura literária que não desafie, instigue, provoque não merece o investimento do precioso tempo escolar. (DALVI, 2013, p. 78).

Sabendo da preciosidade do tempo escolar, esse tempo deve ser explorado ao máximo de forma que o texto escolhido para ser trabalhado em sala de aula contenha uma qualidade literária, com atividades que permitam envolver o leitor:

Uma leitura assim – produtivamente dialógica – amplia a conscientização social da pessoa, representada por sua expressão de sujeito-leitor que percebe, também por esse exercício (só o ato consciente de ler não possibilita uma real apreensão do momento sociocultural que se vive), uma ampliação de suas capacidades, já que o processo de recepção se dá mesmo antes do contato do leitor com o texto. Assim, o leitor possui um “horizonte que o limita, mas pode se transformar continuamente, ampliando-se. Esse horizonte é o do mundo de sua vida, com tudo o que o povo: vivências pessoais, culturais, normas jurídicas, filosóficas etc.” (TINOCO, 2013, p. 148).

Desse modo essa leitura produtiva deve retratar as possibilidades que o texto oferece ao leitor de desenvolver suas capacidades de questionar, descobrir e refletir sobre o que está sendo lido.

8.2 – UMA CONVERSA SOBRE A LEITURA LITERÁRIA

Conversamos com os alunos das turmas do 3º e 5º anos sobre o que pensavam sobre a leitura literária, se gostavam de ler, o que mais liam, e fizemos alguns questionamentos a respeito de lugares em que costumam ler, sobre a biblioteca escolar, livros e personagens infantis. Dessa forma obtivemos alguns dados. Quando questionados se tinham o costume de ler os alunos das duas turmas disseram que leem às vezes ou quase sempre, tendo o hábito de ler em casa e na escola. E disseram que o que mais gostavam de

ler eram “Livros e gibis”. (resposta dos alunos do 3° e 5° ano). Percebemos que se trata de alunos leitores, uns com mais e outros com menos frequência.

Quando questionados sobre o livro preferido é possível observar que obtivemos uma variedade de obras infantis citadas pelos alunos como seus preferidos, deixando evidente a preferência de cada um. Muitos desses títulos são encontrados em revistas em quadrinhos ou são desenhos animados que viraram histórias. E alguns são filmes, que por causa do sucesso foram lançados como livro, por exemplo, “Marley e Eu” e “O pequeno príncipe”. Obtivemos os seguintes dados:

Nome das obras	Quantidade
Romeu e Julieta	1
Barbie	1
Dinossauros	1
Cachinhos de ouro	1
Pato Donald	1
Menino Maluquinho	4
O mapa do céu	2
Gibis	1
Cinderela	1
Folclore	1
Mickey	1
A bruxa Onilda	3
10 Passarinhos	1
Querido diário otário	1
Disney	2

Livro preferido da turma do 3° ano.

Nome das obras	Quantidade
Livro de Contos	1
O ladrão de Raias	1
A cabana	1
Marley e Eu	1
A volta ao mundo em 52 histórias	1
Passos para o futuro	1
O pequeno príncipe	2
Os livros do Monteiro Lobato	1
Robin Hood	1
Uma escola para todos	1
Luluzinha	1
A gazela e o leão	1
O lobo e o carneiro no sonho da menina	1
Turma da Mônica	4
Livro de Poesia	1
Ponte para Terabítia	1
Para zoar Botafoguense	1
Naruto	2
Livro de Dinossauros	1
Mickey	1
Livro de Heróis	1
Gibis	1

Livro preferido da turma do 5° ano.

Quando foi questionado o personagem preferido percebemos que muitas respostas citadas nessa questão estão ligadas a questão anterior, em que a maior parte dos alunos fez uma ligação entre o personagem preferido que esteja dentro do livro preferido, como por exemplo, “Marley” do livro “Marley e Eu”, outro exemplo é a “gazela”, da história “A gazela e o leão”.

Nome dos personagens	Quantidade
Julieta	1
Barbie	1
Cachinhos de ouro	1
O pato Donald	3
Naruto	1
Carlinhos	1
Mônica	2
O príncipe	1
Saci	1
Curupira	1
O escorpião	1
Cinderela	1
O menino maluquinho	1
Bocão	1
A turma da Mônica	1
O Mickey	1
A bruxa Onilda	3

Livro preferido da turma do 3° ano.

Nome dos personagens	Quantidade
Princesas	2
Huck	1
Pato Donald	1
Super-homem	2
O tiranossauro	1
Mônica	2
Magali	1
Cebolinha	2
A Bela (Bela e a fera)	1
Marley	4
Capitão gancho	1
Seu Zé (passos para o futuro)	1
Gazela	1
O pequeno príncipe	2
Cascão	1
Luluzinha	1
Crianças	1
Naruto	2
João (Monteiro Lobato)	1

Livro preferido da turma do 5º ano.

Sendo questionado aos alunos que livro tinham lido que contribuiu com a opinião deles, alguns alunos responderam que aprenderam alguma coisa com essas histórias e se espelharam em alguns personagens infantis.

Nomes das obras	Quantidade
Romeu e Julieta	2
O patinho feio	7
Cachinhos de ouro	1
Saci Pererê	1
Bem-te-vi	1
Sorrisinho	1
Terra	1
Energia	1
Turma da Mônica	1
O pato Donald	3

Livro que tenha contribuído – turma do 3º ano.

Nomes das obras	Quantidade
O pequeno príncipe	1
Diário da Sofia	1
Mitologia grega	1
Passos para o futuro	1
O homem que já nasceu aprendendo	1
Marley e Eu	2
Aprenda a dizer não para as drogas	1
Harry Potter	1
Um dia daqueles	1

Pinóquio	1
Robin Hood	1
Luluzinha	1
Volta ao mundo em 80 dias	1
Viagem ao centro da terra	1
Mônica	1
Naruto	2
Mickey	1
Huck	1
A gazela e o leão	1
A bela e a fera	1
As fadas	1

Livro que tenha contribuído - turma do 5º ano.

Sobre a opinião dos alunos se consideravam a leitura literária importante, todos os alunos responderam que “sim” e relataram que: “ler é muito bom”, “Os livros informam”, “aprendemos a ler e escrever”, “é importante para as nossas vidas e aprendemos cada vez mais”, “é importante para sabermos tudo sobre o mundo”, “resolver as atividades”, “fazer pesquisas”, “a leitura ensina”, “a gente aprende muito”, “pois lendo um livro você absorve conhecimento, além de conhecer novos mundos e locais que nunca havia sonhado”. É possível observarmos nas falas dos alunos a presença do discurso do adulto (professor (a), Bibliotecário (a), pedagogo (a), pais) quando falam da importância da leitura, em que na fala deles a literatura é a porta para muitos caminhos, como a informação, a aprendizagem da leitura e escrita e o conhecimento de lugares que ainda não tenham imaginado. Com isso Candido (1976) nos diz que:

A literatura é essencialmente uma reorganização do mundo em termos de arte, a tarefa do escritor de ficção é construir um sistema arbitrário de objetos, atos, ocorrências, sentimentos, representados ficcionalmente conforme um princípio de organização adequado à situação literária dada, que mantém a estrutura da obra. (p. 179).

Quando tratamos sobre a biblioteca escolar se eles a consideravam importante, todos os alunos disseram que a biblioteca da escola é muito importante e afirmaram que ela: “possui livros legais”, “é um espaço de leitura”, “lugar de aprendizado”, “lugar tranquilo e silencioso”, “de novas leituras”, “de acesso aos livros”, “contém vários livros que podem pegar emprestado sem precisar pagar”, e “é um espaço em que podem visitar outros lugares, sem sair do lugar, por meio das histórias”. Os alunos relataram também que frequentam a biblioteca escolar, uns com mais frequência do que outros. É possível observarmos com essas falas a importância que a biblioteca escolar tem na vida dos alunos, e devido a esse fato, acreditamos que “como agência social de comunicação da cultura, a biblioteca é criada para reunir e difundir os fatos culturais, encontrando no sistema educacional um fator muito importante para o seu desenvolvimento ou atraso”. (AGUIAR, 1994, p. 100).

A biblioteca escolar, porque ligada à instituição responsável pela educação formal, é atribuída a responsabilidade de formação de leitores. A composição de seu acervo, por conseguinte, deve ser adequada ao leitor jovem, atenta à sua experiência de leitura, seus interesses e suas necessidades escolares, de forma que atenta não só à demanda de informação ampla, mas também ao lazer. (AGUIAR, 1994, p.100).

Questionamos aos alunos se já haviam frequentado alguma feira literária, constatamos que quase a metade dos alunos não visitou nenhuma feira literária. E a outra metade já frequentou alguma feira literária, dentre as que foram citadas por eles está a semana literária que ocorre na escola. Sabemos que é de extrema importância atividades diversificadas que envolvam a literatura, como uma “feira literária”, em que há o contato dos alunos com a leitura, por via de várias atividades que são planejadas que ocorrem durante a feira, como (contação de histórias, a presença de escritores, sarau, lançamento de livros, entre outros.).

8.2.1- PROFESSORAS DAS TURMAS DO 3º E 5º ANOS

As professoras das turmas do 3º e 5º anos são graduadas em Pedagogia, sendo que a profª A do 3º ano possui o curso de pós graduação e atua na

educação há 22 anos, e a prof^a B também licenciada em Pedagogia atua há 20 anos na área. Perguntamos às professoras com qual frequência elas realizavam a leitura de algum livro, a prof^a. A relatou que neste ano de 2013 a leitura que ela realiza está direcionada ao material do PNAIC, que é uma formação continuada, com o objetivo de realizar a alfabetização na idade certa. Já a prof^a B nos relatou que lê com frequência e o último livro que leu foi “Rosa de Pedra” do autor Valdenir José de Lima.

Quando questionadas a respeito da importância que atribuem à leitura literária, constatamos que as professoras consideram que a leitura literária exerce um importante papel na vida dos alunos. Dizendo-nos que “a leitura é fundamental no nosso dia a dia”. (resposta da prof^a A). “A leitura literária pode proporcionar ao aluno um espaço lúdico e significativo, no qual ele se entenda como sujeito cultural, desafiando o aluno a pensar, conhecer, informar e criticar”. (resposta da prof^a B). As respostas das professoras são importantes e vão a encontro do que o autor Cunha (2006) nos diz a respeito de leitura literária:

De um modo geral, a literatura amplia e enriquece a nossa visão da realidade de um modo específico. Permite ao leitor a vivência intensa e ao mesmo tempo a contemplação crítica das condições e possibilidades da existência humana. Nem a nossa vida pessoal, nem a ciência ou filosofia permitem em geral esta experiência ao mesmo tempo una e dupla. No primeiro caso estamos demasiado envolvidos para ter distância contemplativa, no segundo estamos demasiado distanciados para viver intensamente o conhecimento transmitido. A literatura é o lugar privilegiado em que a experiência “vívida” e a contemplação crítica coincidem num conhecimento singular, cujo critério não é exatamente a “verdade” e sim a “validade” de uma interpretação profunda da realidade tornada em experiência. Na fruição da obra de arte literária podemos assimilar tal interpretação com prazer (vivendo-a contemplando-a criticamente), mesmo no caso de ela, no campo da vida real, se nos afigurar avessa às nossas convicções e tendências. (p. 57-58).

Sobre o papel da escola, questionamos se ela concede suportes suficientes para haver o trabalho com a leitura literária na sala de aula e/ou em outros espaços, de forma que ultrapasse os livros didáticos, as professoras disseram que “a escola oferece suporte para trabalhar com a leitura literária, citando alguns espaços como a biblioteca, o auditório e sala de informática”. (resposta da prof^a A). Já a outra professora disse que “somente às vezes”. (resposta da prof^a B). Em torno disso questionamos então, sobre o que dificulta a realização

de um trabalho mais específico com a leitura literária, as professoras relataram que “a falta de tempo é o que dificulta”. (resposta da profª A). E “o espaço, pois a escola está em um espaço alternativo, por motivo de reforma”. (resposta da profª B). Encontramos nas falas dessas professoras dois problemas que são considerados importantes, que é a falta de infraestrutura e a falta de tempo. A falta de tempo está ligada ao emprego das aulas em disciplinas prescritas pelo currículo escolar. Sendo assim, consideramos que o problema da infraestrutura seja superado junto às autoridades públicas, de forma que possam suprir as necessidades do público atendido. E em relação à falta de tempo é necessário que as professoras criem uma rotina, que haja um planejamento para a realização da prática do ensino da leitura literária.

Quando questionadas sobre o processo de leitura literária ao longo da carreira docente as professoras disseram que “é necessário colocar o aluno em contato com diferentes tipos de leitura, como contos, poemas, história em quadrinhos, reportagem, peça de teatro, cantigas de roda, relato pessoal dentre outros, ampliando sua visão cultural e sua reflexão social, desenvolvendo a capacidade de expressão. Ressaltando que o trabalho com a leitura realiza-se com uma diversidade textual em linguagem verbal, não-verbal e mista. Com todo esse contato espera-se que seja possível que o aluno tenha um olhar reflexivo, crítico e criador”. (fala de uma das professoras). É possível observarmos nessa fala da professora a importância do contato do aluno com diversos gêneros literários, na qual através do texto literário o leitor pode despertar sentimentos, como alegria, amor, raiva, ódio. E assim como assegura o autor Cunha (2006):

A obra de arte literária é a organização verbal significativa da experiência interna e externa, ampliada e enriquecida pela imaginação e por ela manipulada para sugerir as virtualidades desta experiência. A modalidade específica do discurso literário, emocional, imaginativo, ambíguo, irônico, paradoxal, alusivo, metafórico, etc., tende a fazer da obra uma estrutura de significados autônoma que diverge profundamente do discurso científico, referencial, racional, cognoscitivo e puramente instrumental. A meta do discurso literário é a comunicação intensa, vivida, da experiência que nele se organizou. Neste processo é fundamental o papel da língua que não só medeia a experiência, mas em certa medida a constitui. Todavia, a língua representa só um dos planos da obra literária, embora seja ela que projete os outros planos, tais como enredo, personagens, relações e conflitos de valores. É a totalidade desses planos que transmite a

experiência e interpretação da realidade, graças à organização e composição específicas, no sentido vertical e horizontal, da obra. (p.56-57).

Consideramos pertinentes e importantes as posições das professoras frente às questões propostas, e acreditamos que com a intervenção dessas profissionais no ensino da leitura de literatura, sendo incentivadoras e desenvolvendo práticas leitoras na sala de aula, possivelmente iremos vivenciar uma comunidade leitora.

8.2.2- PEDAGOGA DAS SÉRIEIS INICIAIS

A pedagoga das séries iniciais que participou da pesquisa possui duas graduações, uma em pedagogia e outra em publicidade e trabalha há 22 anos como pedagoga. Ela nos informou que a escola apresenta uma produção literária e incentiva a leitura criando oportunidades para o acesso dos alunos. Relatando-nos que a leitura gera o crescimento pessoal e que cada leitura promove um incentivo às novas leituras. Ela afirma que a leitura literária desenvolve habilidades como a estética, a ética, a linguagem como possibilidade artística, o enriquecimento cultural e até a formação de um escritor.

A pedagoga afirmou que formar alunos leitores-críticos deve ser uma das primeiras metas da educação escolar. E que os leitores-críticos irão se proteger da hegemonia das classes dominantes. Ela nos disse ainda que a escola oferece os suportes necessários para as professoras realizarem um trabalho mais amplo com a leitura literária que vão além dos livros didáticos. E para que esse processo aconteça é preciso contar com uma bibliotecária, uma biblioteca e a vontade dos professores. Percebemos nessa fala o quanto é importante à atuação de uma bibliotecária junto ao professor, tendo a disposição uma biblioteca, pois assim como afirma Maroto (2009):

Para que atenda satisfatoriamente às exigências da sociedade moderna, a biblioteca escolar precisa contar com uma boa infraestrutura bibliográfica e audiovisual, espaços adequados e

profissionais qualificados, e oferecer propostas inovadoras para o desenvolvimento da leitura e da pesquisa, capazes de atuar como instrumentos transformadores do cotidiano da sala de aula – onde o professor, na maioria das vezes, é o único canal de informação - , ampliando o campo de debates, de conflitos e de informações. Na Biblioteca Escolar, professores, alunos e bibliotecário poderão juntos buscar o conhecimento e discutir passo a passo os obstáculos para se chegar a ele (p.75).

Quando questionada se desenvolve algum projeto de leitura literária junto com os professores e/ou a bibliotecária a pedagoga nos disse que tiveram a semana literária que aconteceu em maio/2013 na escola. Relatou que foi um projeto que envolveu todos os professores da instituição, em que os alunos apresentaram trabalhos durante o evento. E houve também durante o projeto palestras, teatro e entrevistas. A semana literária de acordo com a pedagoga é prevista no plano de ação da escola e acontece todos os anos. Essa profissional possui um blog e desenvolve um espaço de leitura nessa página eletrônica.

8.2.3- BIBLIOTECÁRIA DA ESCOLA

A bibliotecária da escola é formada em biblioteconomia e possui pós-graduação em biblioteca escolar, atuando há seis anos na rede municipal de Vitória. Ela afirmou em uma questão sobre se atribui importância à leitura literária, que atribui importância sim, “pois a leitura nos possibilita conhecer lugares encantadores, aventuras, diversão, podendo explorar a fantasia e a imaginação”. (fala da bibliotecária). E como afirma Cunha (2006):

A obra literária recorta o real, sintetiza-o e interpreta-o através do ponto de vista do narrador ou do poeta. Sendo assim, manifesta, através do fictício e da fantasia, um saber sobre o mundo e oferece ao leitor um padrão para interpretá-lo. Veículo do patrimônio cultural da humanidade, a literatura se caracteriza, a cada obra, pela proposição de novos conceitos que provocam uma subversão do já estabelecido. (p. 105).

A bibliotecária nos disse que a biblioteca fica aberta toda a semana, e também no horário do recreio e que os alunos frequentam esse espaço com o agendamento prévio dos professores. E que a biblioteca funciona nos três

turnos e os alunos podem pegar dois livros emprestados no período de uma semana. Os alunos também podem fazer os empréstimos de forma autônoma, sendo que ela e os professores orientam em alguns casos quando consideram que a leitura não é apropriada para certa idade. Dessa maneira é importante a orientação e atuação dela e das professoras nesse processo de leitura.

Hoje, todo e qualquer profissional, em especial o bibliotecário, que atua no contexto educacional e sociocultural precisa estar preparado e sensibilizado para o exercício da leitura, e de sua difusão junto ao mais diversos segmentos da população, com vistas à formação de uma sociedade leitora, mais consciente, mais justa e igualitária (MAROTO, 2009, p.66).

A bibliotecária disse que desenvolve parcerias com os professores em projetos de leitura literária. E que todos os anos a escola realiza a feira literária, com teatros, músicas, exposições, stand de livros. E para a realização é preciso da colaboração dela e da coordenação pedagógica. Ela relatou ainda que algumas vezes os professores a procuram com a ideia de realizar algum projeto ou mesmo ela pensa em desenvolver determinado projeto e conversa com os professores. Mas nos confessou que muitos projetos que ela planejou não saíram do papel, por falta de tempo ou por não conseguir parceria com os professores.

Consideramos bem relevante a atuação da bibliotecária da escola pesquisada e acreditamos que essa profissional necessita estar mais ciente do papel que ocupa dentro do ambiente escolar e da sua atuação na biblioteca. Planejando juntamente com os professores, para assim realizarem atividades em conjunto para o desenvolvimento da prática da leitura. É importante que se faça uma reflexão sobre o papel da biblioteca na formação de leitores, não bastando à escola possuir uma biblioteca, mas que o seu funcionamento seja adequado.

Ao cativar o maior número possível de participantes para os encontros de leitura, ao estabelecer intercâmbio com a sala de aula, com os demais setores da escola e também com a comunidade, ao atender aos interesses dos usuários com um acervo variado, conservado e constantemente atualizado, a biblioteca escolar realiza-se como instituição democrática, que contribui para a universalização do saber e a abertura de espaço para as diferentes vozes culturais. (AGUIAR, 1994, p. 101).

Percebemos nas falas das profissionais (professoras, pedagoga e bibliotecária) que elas são leitoras e atribuem grande importância à prática de leitura literária, acreditando no papel do texto literário, buscando desenvolver o trabalho com o ensino da leitura de literatura no espaço escolar.

8.3 - COTIDIANO ESCOLAR

Percebemos durante a observação que as professoras A e B trabalham a realização da leitura em aula, leitura do livro didático, das atividades, buscando envolver os alunos nas aulas. Mas nesse período não presenciamos na rotina das professoras a prática da leitura literária na sala de aula. O contato dos alunos com a leitura literária ocorria quando faziam empréstimos na biblioteca escolar, que acontecia uma vez por semana em que realizavam a leitura desses livros em suas casas, não havendo nenhuma discussão do que foi lido. Dessa forma concordamos com Silva (1985) quando faz alguns questionamentos sobre o que fazer com os textos lidos, em que acreditamos que a escola deve promover um momento de interação, reflexão e discussão das leituras realizadas pelos alunos. Sendo assim,

O acesso ao ler significa ter acesso à escola e nela obter os conhecimentos necessários à participação no mundo da escrita. Se a formação do leitor está essencialmente condicionada à escolarização, então “ler” é, pois necessidade, submeter-se aos objetivos que a escola tenta atingir através de seus programas e métodos. E, como a escola não é, e raramente foi, um organismo independente da sociedade, então as perguntas pertinentes ao processo de leitura (quem lê, o que ler, por que ler, de que forma ler, onde aplicar o que foi lido, etc.) ficam subordinadas a objetivos sociais mais amplos. (SILVA, 1985, p. 52).

Os livros escolhidos pelos alunos normalmente eram livros de literatura infantil, direcionados pela bibliotecária e pela professora. Desse modo as professoras a e a bibliotecária reconheciam o importante papel de serem mediadoras no processo da leitura. E quando a bibliotecária foi questionada se contribui para a formação de alunos leitores-críticos, ela nos disse que “é uma incentivadora, dinamizadora e mediadora da leitura, e afirma que por meio da leitura podemos despertar a consciência crítica nos leitores” (fala da bibliotecária). As

professoras A e B complementaram sobre o que pensavam a respeito de formar alunos leitores-críticos “que é de extrema importância, pois precisamos de alunos conscientes de seus direitos e deveres na sociedade”. (fala da Prof.^a A). “E que formar leitores-críticos, desenvolve capacidades cognitivas linguísticas e discursivas, pois a leitura não é aceitação passiva, mas construção ativa”. (fala da Prof.^a B).

É importante lembrar que presenciamos o fato dos alunos pegarem livro semanalmente na biblioteca somente na turma do 3º ano, pois a turma do 5º ano não possuía horários fixos na biblioteca, “e fazem a visita na biblioteca quando é possível” (fala da Prof.^a B). Não havendo nesse caso o contato frequente desses alunos com o texto literário.

Observamos também que para realização das aulas as professoras utilizavam muito o livro didático, se aportando bastante desse recurso em suas aulas. Os métodos eram quase sempre os mesmos, primeiro a professora dizia qual seria o capítulo estudado, logo após realizavam a leitura discutindo sobre o conteúdo no livro didático. E em alguns casos não havia relação do conteúdo do livro com outros materiais, o que poderia ser de grande proveito durante a discussão o envolvimento de outros recursos, com isso acabavam ficando restritas apenas ao livro didático como suporte para o ensino dos alunos e para o desenvolvimento da leitura em sala de aula. No entanto, Silva (1993) argumenta que:

[...] A escola e os professores devem colocar à disposição das classes uma variedade de materiais escritos de modo que o educando possa preencher os seus interesses (e desenvolver outros) e satisfazer as suas necessidades, de acordo com as suas capacidades de leitura. Sem uma proximidade palpável entre o leitor e as diferentes formas de literatura, que pode ser conseguida através da formação de uma biblioteca central e/ou bibliotecas (acervos) de classe, dificilmente será desenvolvido o gosto pela leitura – ninguém pode gostar de um objeto que ele não tem possibilidade de experimentar e/ou de compartilhar. (1993,p. 86)

Acreditamos que o trabalho com a leitura poderia acontecer de forma mais dinâmica, com materiais diversificados, com aulas mais dialogadas, para que

dessa forma o ensino não fique restrito apenas a um recurso didático, nesse caso o (livro didático).

Ao adentrarmos o ambiente escolar percebemos que os alunos não estavam realizando visita à biblioteca escolar, pois a mesma estava fechada, devido ao motivo de que a bibliotecária estava em período de férias. E em um curto período de tempo que havia retornado foi necessário se ausentar mais uma vez por via de licença médica. Com isso, parte do tempo em que estivemos em campo, a biblioteca permaneceu fechada. Nesse período a turma do 3º ano estava fazendo empréstimos com uma quantidade de livros que a bibliotecária havia deixado com a professora antes de se ausentar. E a turma do 5º ano não estava fazendo empréstimos, apenas cada aluno estava com um livro, para a realização do projeto “Vamos Ler” que é um projeto que a professora B estava realizando desde o segundo trimestre do ano letivo, mas que por falta de tempo o projeto não estava sendo desenvolvido. A professora B nos mostrou e explicou o esboço do projeto, desse modo foi possível acompanhar somente duas atividades do projeto, pois o projeto não tinha um tempo determinado, “acontece quando dá tempo”. (fala da professora B).

Com a volta da bibliotecária os alunos do 3º ano retornaram a frequentar a biblioteca e a fazerem empréstimos uma vez por semana levando o livro para casa. Sendo assim, os alunos podiam levar 3 livros de vez. Já a turma do 5º ano não tinha um horário fixo semanalmente na biblioteca, eles quase não frequentavam esse ambiente. Alguns visitavam a biblioteca no período do recreio, mas eram poucos. No período em que estávamos na escola, não conseguimos marcar nenhum horário para os alunos do 5º ano. O que consideramos algo lamentável, uma vez que os alunos deveriam frequentar esse ambiente regularmente, pois é de extrema importância para o desenvolvimento e o contato da leitura. E assim como afirma Maroto (2009),

Sendo a escola um espaço privilegiado para o acesso à leitura e ao conhecimento, a biblioteca deverá ocupar um lugar de destaque nesse processo, atuando como centro mediador e difusor das práticas e produções, literárias e científicas, que deverão ser planejadas e desenvolvidas com o envolvimento e a participação de toda a

comunidade escolar (alunos, professores, bibliotecários e outros profissionais) e dos demais segmentos sociais (p. 55).

Portanto, se faz necessário que aconteça um trabalho sistematizado e planejado para a realização da leitura e em especial a leitura literária, em que todos os sujeitos pertencentes a esse ambiente (escolar) estejam envolvidos. Devem-se criar maneiras e possibilidades para o envolvimento do aluno sendo assim:

A dinamização da leitura e da pesquisa no espaço da biblioteca escolar ganha outra dimensão quando há um planejamento coletivo e efetivo, entre os seus responsáveis (bibliotecários, auxiliares de biblioteca, etc.) e os professores de todas as áreas e séries, com o objetivo de definir os serviços e as atividades de prática e de produção da leitura que serão oferecidos e desenvolvidos ali (MAROTO, 2009, p. 76).

Entendemos a importância de ser um leitor em nossa sociedade e sabemos a importância que a escola possui no processo de ensino-aprendizagem do leitor, em que os professores, pedagogos e bibliotecários devem realizar um trabalho coletivo que se concretize em formar leitores, utilizando os mecanismos presentes na escola, tais como a existência de uma biblioteca escolar, que é um lugar propício para que ocorra a promoção da leitura. Concordamos com Maroto (2009) quando afirma que:

Para que a biblioteca seja um espaço de promoção da leitura e esteja integrada a todas as atividades curriculares da escola, faz-se necessário que o bibliotecário exerça, junto aos professores, alunos e à comunidade em geral, um trabalho de sensibilização voltado para a valorização e difusão daquele espaço e dos recursos bibliográficos ali disponíveis. Além disso, numa ação conjunta entre esses profissionais e os demais segmentos da sociedade organizada, é preciso que sejam planejadas e desenvolvidas propostas inovadoras de prática e produção da leitura e do conhecimento, capazes de intervir no cotidiano da sala de aula; na reconstrução da escola pública e na sua reinserção na vida social brasileira (MAROTO, 2009, p. 132).

Dessa maneira, quando questionadas a respeito do importante papel que a biblioteca possui, a pedagoga e a bibliotecária nos relataram que “a biblioteca é um instrumento importante para a formação dos alunos, afirmando que é na biblioteca que bate o coração da escola e nos disse que a biblioteca pode fazer toda a diferença através de um bom trabalho da bibliotecária” (fala da

pedagoga). E “a biblioteca é um espaço de difusão da informação, e assim como a pedagoga ela disse que a biblioteca é o coração da escola” (fala da bibliotecária).

9- SEGUNDO MOMENTO: PROJETO DE INTERVENÇÃO “VIAGEM PELO MUNDO DA LEITURA”

Como parte do objetivo da nossa pesquisa era proporcionar aos alunos a vivência com a leitura literária, tornando essa prática constante no cotidiano escolar desses sujeitos, desenvolvemos um projeto de leitura literária nas turmas do 3º e 5º anos. Houve o planejamento das atividades com base em alguns autores de literatura infantil, em que por meio de algumas leituras pensamos em instrumentalizar determinadas atividades que estimule o leitor.

Dalvi (2013) nos propõe algumas propostas didático-metodológicas em relação ao desenvolvimento do trabalho com a literatura infantil na escola, no qual devemos:

Tornar o texto literário “acessável” e acessível [...]; Promover o maior número pensável de eventos de leitura literária para a memória (física, emocional, psíquica, linguística) de leitor de literatura efetivamente se constitua; Familiarizar os leitores em formação com todos os gêneros [...] suportes e modos de apresentação [...]; Reconhecer que a mudança de suportes e de modos de apresentação implica alteração recepcional”; valorizar o contexto de escrita e leitura [...]; instituir a pesquisa e o conhecimento como inerente à atividade de leitura literária [...]; permitir a experiência de ensaiar escrever/produzir literatura, como resposta amorosa ao ato de ler; jamais permitir que a literatura seja tomada como mero meio para um fim (por mais “nobre” que seja); como “recurso”, “veículo” ou “ilustração” do que quer que seja; compreender e explicar que nem todas as leituras são válidas; evitar mutilar os textos e as obras: procurar sempre trabalhar com textos integrais e, se possível, em seus diferentes modos de publicação [...] e, portanto, exige atenção – com o todo de onde foi retirada etc; tomar como critério principal de escolha a diversidade (de gêneros, suportes, modos, escritas, sensibilidades, recursos, estéticas, períodos históricos, modos de ilustração, etc) e o “perigo” e a “potência” que o texto oferece; jamais lançar um leitor à leitura sem considerar os riscos envolvidos [...]; avaliar sem punir, avaliar para promover a aprendizagem e principalmente a aproximação e o respeito avaliar com rigor, mas sem desprezar a “rugosidade” [...]; pautar que os textos pressupõem certos leitores (idade, contextos, repertório, etc); inserir os estudantes em circuitos ou sistemas mais e mais amplos: bibliotecas, salas de leitura, feiras culturais e literárias, lançamentos, frequência a sebos, rodas de leitura, mesas de debates, encontros com escritores, ilustradores e tradutores, leitura de críticas e resenhas jornalísticas, pesquisa na internet, criação da adaptação, paródias, homenagens, recriações, traduções; fazer da leitura literária uma sedução, um desafio, um prazer, uma conquista, um hábito [...] (DALVI, 2013, p. 81 a 84).

Desse modo, cabe ao professor e à equipe pedagógica da escola oferecer e subsidiar situações para que o trabalho com a literatura infantil seja efetivamente concretizado permitindo que o aluno esteja rodeado de diversas maneiras de contato com o texto literário, de forma que o aluno seja instigado a querer ser um leitor de literatura, e que esse possa se tornar um hábito.

Para quem valoriza a dimensão existencial da leitura literária, no entanto, promover, intermediar, comentar a literatura infantil é modo de oferecer aos pequenos um tipo de informação e de recorte do mundo distintos daqueles que consomem diariamente. É convite a que conheçam algo mais instigante, que a realidade simultânea captada pelas telas, e apreciem relatos em recepção menos indiferente e ininterrupta que a que vivem diante dos canais de cartoon. (CADERMATORI, 2010, p. 11).

Diante disso, de acordo com o documento que rege a educação básica (PCN's), verificamos algumas práticas de leitura que deve ocorrer na escola, de modo que a leitura faça parte do cotidiano escolar do aluno. Devendo incidir diversas atividades como:

Leitura diária: O trabalho com leitura deve ser diário. Há inúmeras possibilidades para isso, pois a leitura pode ser realizada: • de forma silenciosa, individualmente; • em voz alta (individualmente ou em grupo) quando fizer sentido dentro da atividade; e • pela escuta de alguém que lê.

Leitura colaborativa: A leitura colaborativa é uma atividade em que o professor lê um texto com a classe e, durante a leitura, questiona os alunos sobre as pistas linguísticas que possibilitam a atribuição de determinados sentidos.

Projetos de leitura: A característica básica de um projeto é que ele tem um objetivo compartilhado por todos os envolvidos, que se expressa num produto final em função do qual todos trabalham.

Atividades sequenciadas de leitura: São situações didáticas adequadas para promover o gosto de ler e privilegiadas para desenvolver o comportamento do leitor, ou seja, atitudes e procedimentos que os leitores assíduos desenvolvem a partir da prática de leitura: formação de critérios para selecionar o material a ser lido, constituição de padrões de gosto pessoal, rastreamento da obra de escritores preferidos, etc.

Atividades permanentes de leitura: São situações didáticas propostas com regularidade e voltadas para a formação de atitude favorável à leitura.

Leitura feita pelo professor: Além das atividades de leitura realizadas pelos alunos e coordenadas pelo professor há as que podem ser realizadas basicamente pelo professor. É o caso da leitura compartilhada de livros em capítulos, que possibilita aos alunos o acesso a textos bastante longos (e às vezes difíceis) que, por sua qualidade e beleza, podem vir a encantá-los, ainda que nem sempre sejam capazes de lê-los sozinhos. (PCN, 1997, p. 44 a 47).

Sabemos da grande importância que a leitura de literatura carrega e acreditamos no papel formador que o texto literário possui, despertando alguns sentimentos tais como:

Curiosidade. Imaginação. Criatividade. Fantasia. Sentimento. Invenção. Sensibilidade. A literatura, enquanto expressão da vida tem a capacidade de redimensionar as percepções que o sujeito possui de suas experiências e do seu mundo. Por isso mesmo, a leitura da literatura, pela sua natureza e pela sua força estética, colabora significativamente para com a formação da pessoa, influenciando nas suas formas de pensar e de encarar a vida. (SILVA, 1993, p. 89).

Sendo assim, realizamos uma conversa inicial com os alunos sobre a literatura infantil, sobre a importância que há na leitura literária, sobre o contato que eles possuíam com esse tipo de texto, se gostavam de ler, sobre o tipo de livro que costumavam ler. Logo em seguida pedimos para que respondessem a algumas questões sobre literatura infantil, para sabermos as opiniões dos alunos a respeito desse tema. Após esse momento explicamos para os sujeitos sobre o projeto “Viagem pelo mundo da leitura” que iríamos desenvolver naquelas duas turmas da escola.

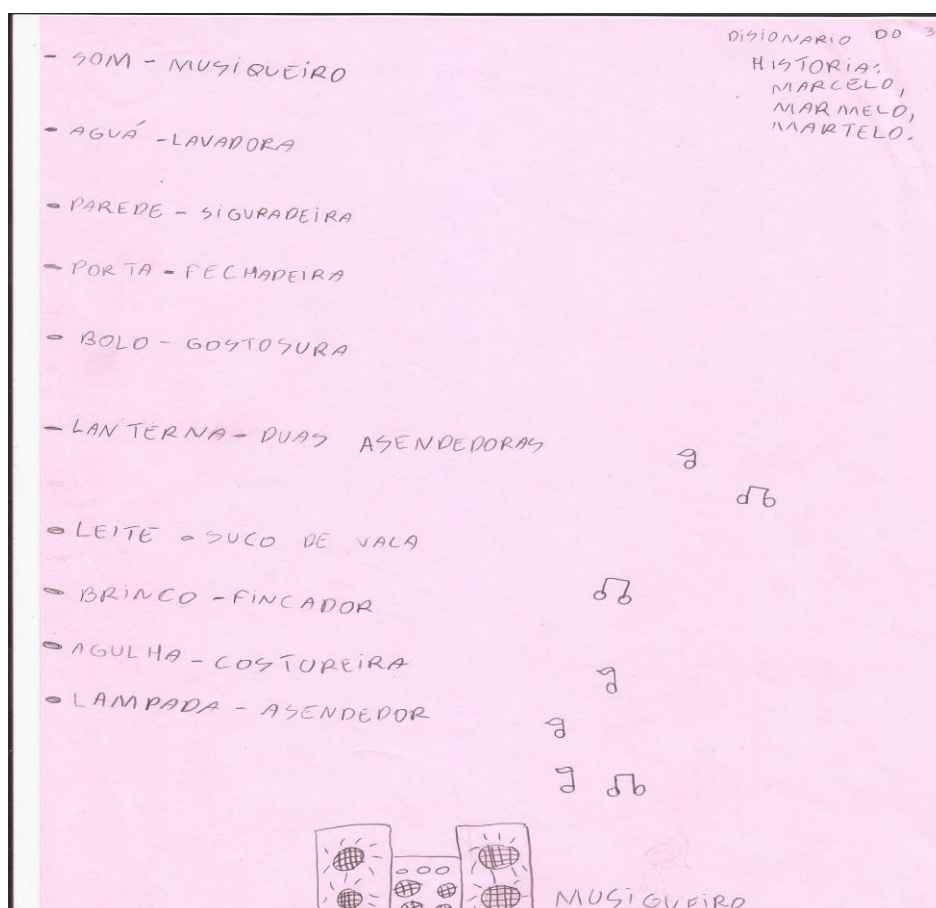
O projeto foi desenvolvido ao longo de oito encontros, com duração aproximadamente de 1h30min por encontro. As atividades foram realizadas em diferentes ambientes, sendo eles na sala de aula, na informática e no auditório. Utilizamos diversos materiais como livros infantis, fantoches, computadores, lousa digital, câmera fotográfica, entre outros. Desse modo seguem as atividades desenvolvidas.

9.1- ATIVIDADE 1 - HISTÓRIA: MARCELO, MARMELO, MARTELO – RUTH ROCHA

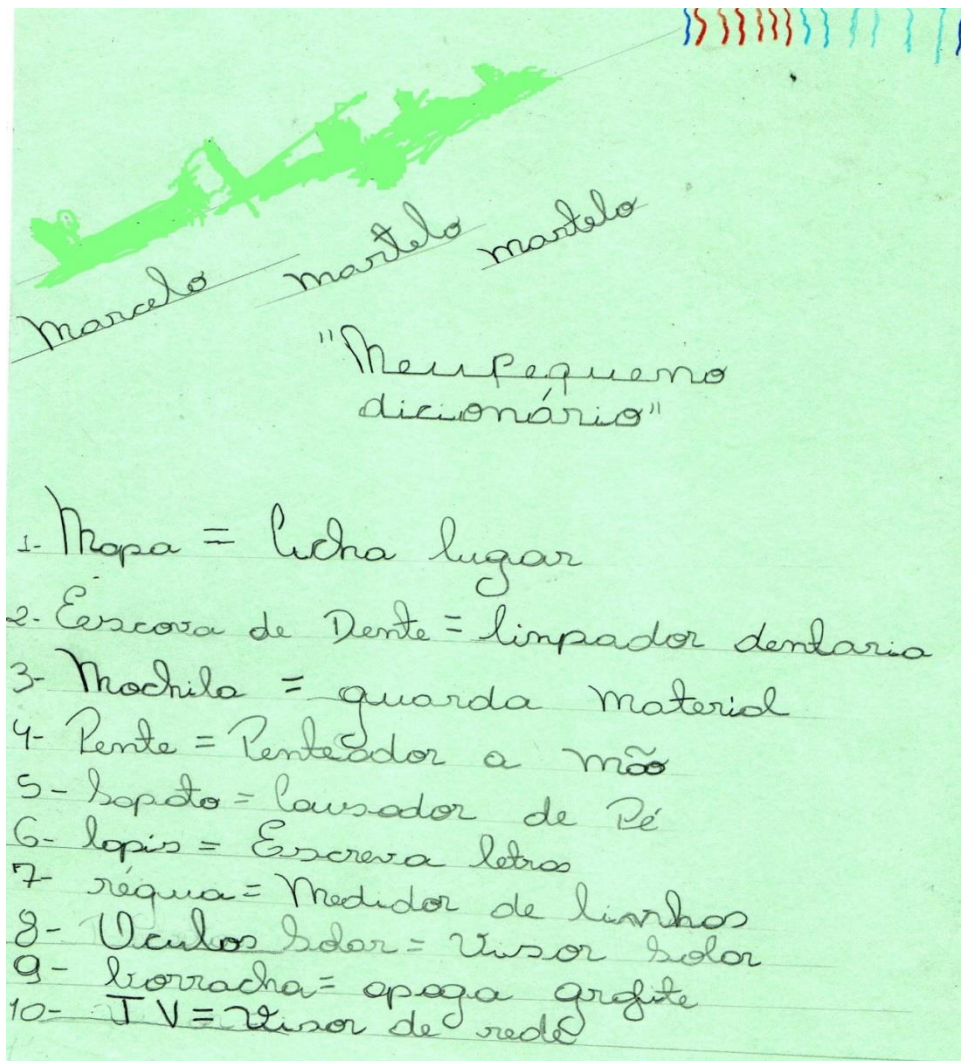
Fizemos a contação do livro *Marcelo, Marmelo, Martelo*, da autora Ruth Rocha. Durante a leitura as crianças ficaram atentas prestando atenção e no decorrer foram feitas algumas pausas, em que comentávamos sobre os personagens e a respeito dos fatos que aconteciam na história. Percebemos que a turma gostou da história pelos comentários e expressões que faziam.

Em seguida fizemos uma reflexão a respeito da história contada, e alguns alunos participaram com sua opinião: “nossa, que menino esperto! Ficava perguntando o porquê dos nomes” (fala da aluna do 3° ano); “Quando nascemos as coisas já tinham um nome” (fala do aluno do 5° ano). Nesse dia, alguns alunos estavam um pouco envergonhados de participarem, mas aos poucos eles foram interagindo. Após a leitura propusemos que os alunos criassem um dicionário, e assim como o personagem Marcelo dessem novos significados aos objetos. A esse respeito, Silva (2003) afirma que:

É preciso que o ensino de literatura busque meios de persuadir o aluno-leitor a encontrar, na leitura do texto literário, um espaço lúdico de reconstrução de sentidos, em que a imaginação do leitor é guiada pelos indícios textuais no ato dinâmico da leitura. (p.12).



Dicionário de uma aluna do 3° ano.



Dicionário de uma aluna do 5º ano.

9.2- ATIVIDADE 2 - HISTÓRIA: O REIZINHO MANDÃO – RUTH ROCHA.

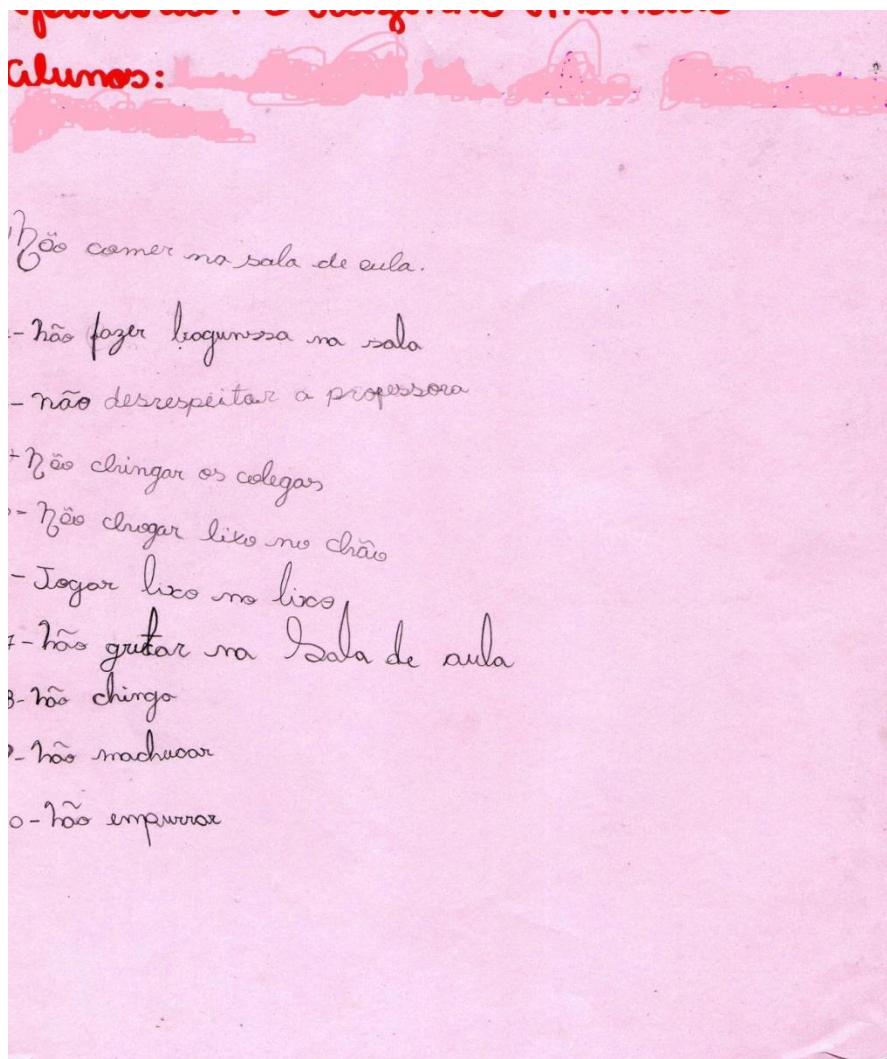
Ao contar a história do *Rezinho Mandão*, da autora Ruth Rocha, discutimos sobre os valores presentes no texto e os alunos comentaram o que acharam da história, se poderíamos ou não agir como o personagem principal. Pedimos aos alunos que sugerissem outro final para o Rezinho Mandão, alguns sugeriram vários finais em que o Rezinho Mandão aprendia uma lição, pois as suas regras eram excessivas e desnecessárias, em que o personagem obrigava as pessoas a cumpri-las. Após discutirmos e trocarmos opiniões, percebemos que os alunos concluíram que não devemos ser iguais ao personagem principal.

Em nossa vida em sociedade, assim como na história, há regras que organizam o meio social, e devemos segui-las para haver uma organização e assim uma boa convivência. Mas devemos questioná-las e saber por que elas são dessa forma, sabendo se há abuso ou não do poder. Diante disso os alunos foram divididos em quatro grupos e foi solicitado que criassem regras para a turma, mas regras que pudesse manter um ambiente harmônico e organizado de modo que não aflija o outro. Depois de terem criado as regras, cada grupo apresentou para a turma o que haviam criado. Percebemos que esse texto literário possibilitou um melhor entendimento de um assunto que permeia a nossa sociedade, assim:

[...] textos literários para crianças, nos quais assuntos como ética, pluralidade cultural e diversidade são abordados de maneira a trazer para a criança e para os jovens a discussão de assuntos pertinentes ao momento social, político e cultural nos nossos dias. (GREGÓRIN FILHO, 2009, p. 44).



Momento que o grupo do 3º ano estava discutindo as regras.



Atividade realizada em grupo – 5º ano.

9.3- ATIVIDADE 3 - APRESENTAÇÃO TEATRAL COM FANTOCHES.

Para a realização dessa atividade, conversamos com os alunos sobre a apresentação teatral e em seguida à turma foi dividida em grupos e cada grupo recebeu uma quantidade de fantoches. Os alunos tiveram o tempo de 20 minutos para criarem uma história e logo após apresentarem para a turma. Fomos passando em cada grupo e explicando como a atividade seria desenvolvida com o objetivo de explorar a imaginação e a criatividade do aluno. Pois como assevera o autor Gregorin Filho (2009):

Reconhecer a relevância do afeto na leitura literária pode ser importante para que o educador possa dar voz à criança e, dessa

maneira, conhecer e contribuir para a resolução de questões dessa ordem que o seu aluno não encontra oportunidade para expressar em outras atividades escolares. (GREGÓRIN FILHO, 2009, p. 52).

Os grupos se organizaram e com diversas ideias e opiniões foram adaptando e criando uma história com a versão de cada aluno que traziam por já ter tido um contato com a literatura infantil em outros momentos, sendo assim acreditamos que:

O estudante precisa ser incentivado a ter contato com formas, textos, estéticas mais sofisticadas (o que está longe de querer dizer “mais elitizadas”), que exigirão seu esforço in(ter)ventivo como leitor, sem, contudo, deixar de lado essa compreensão situada da literatura. (DALVI, 2013, p. 74).

Essa atividade permitiu que os alunos criassem uma história, possibilitando a interação de ideias com os colegas, o diálogo, a expressão através dos bonecos, a sequência dos fatos, saber ouvir a opinião do outro e trabalhar em conjunto. Percebemos nas duas turmas em alguns momentos a dificuldade de trabalharem coletivamente, nesse momento procuramos fazer intervenções.



Momento dos grupos da turma do 3º ano organizando a história. Ao lado direito a apresentação.



Momento dos grupos da turma do 5° ano assistindo e apresentando as histórias.

9.4- ATIVIDADE 4 - HISTÓRIA: O MENINO MALUQUINHO – ZIRALDO.

Essa atividade foi planejada pensando em dar voz aos alunos, pois eles iriam escrever sobre as próprias características, retratando sobre os seus gostos, suas vontades, criando um autorretrato, relacionado à história trabalhada tentando promover um diálogo, havendo uma reflexão após a leitura do texto. Sendo assim concordamos com o autor Gregorin Filho (2009) quando diz que:

Compreender a leitura como diálogo entre leitor e texto, e texto, entre contextos às vezes bastante diversos, e entender que essa atividade promove uma integração entre o momento da leitura (presente) e o da produção textual (passado), sendo capaz de estimular o imaginário e as emoções da criança; (p. 74).

A atividade proposta ocorreu em diferentes ambientes, na turma do 5° ano a atividade ocorreu na sala de informática via online pela lousa digital, já na turma do 3° ano ela ocorreu no pátio da escola, onde sentamos em círculo para acompanharmos a leitura da história, e logo após realizarmos a leitura foi proposta uma atividade em que os alunos iriam fazer um autorretrato assim como o personagem “O Menino maluquinho”.



Eu sou assim: leanita, valdora, charmarajinda
 e várias outras coisas. Eu gosto de tomar
 sorvete, refrigerante e café de vez em quando.
 Eu gosto de sair para o shopping, restaurante,
 parque de diversões, na praquinha. Eu gosto
 de comer luscote, miojo, salada, cachorro quente,
 batata frita, amendoim, nuggets e várias outras
 coisas. Eu sou como uma fruta chamada maçã. Eu
 gosto muito de cachorro, gato e anjo mas o
 que eu mais gosto é a urso panda e o papagaio
 azul porque que eu gosto de papagaio?
 porque minha avó tem um papagaio chamada
 Lora. Ele fica gritando e diz Intérisa mas
 já me acostumei agora só falta minha irmã

Autorretrato de um aluno do 3º ano.



Como eu sou?

Minha nome é Bianca tenho 11 anos
 eu gosto muito de brincar
 na minha escola eu sou um
 pouco raposa as vezes eu
 convenceo as minhas amigas são
 9,5, 8,5 até eu nunca tivei 6,5
 e nem pretendo começar na
 minha escola tem 10 ou mais de
 minutos que gosto de mim mais
 eu não to nem ai porque la
 pra 12 ou 20 eu vou pensa em
 mamora agora eu nos meus estudos
 do quando eu crescer vou
 ser pediatra que dizer medica
 so que duvidas não mais assim
 pela saúde das pessoas.

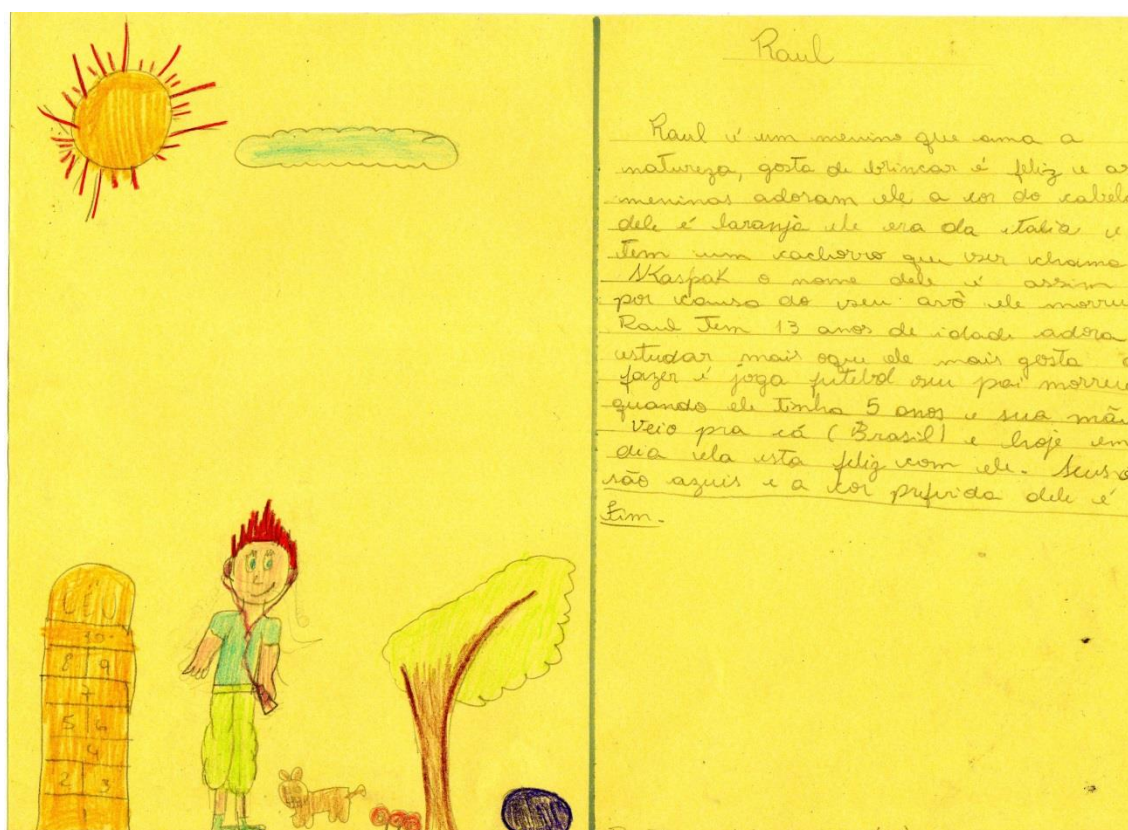
Fin!

Autorretrato de uma aluna do 5º ano.

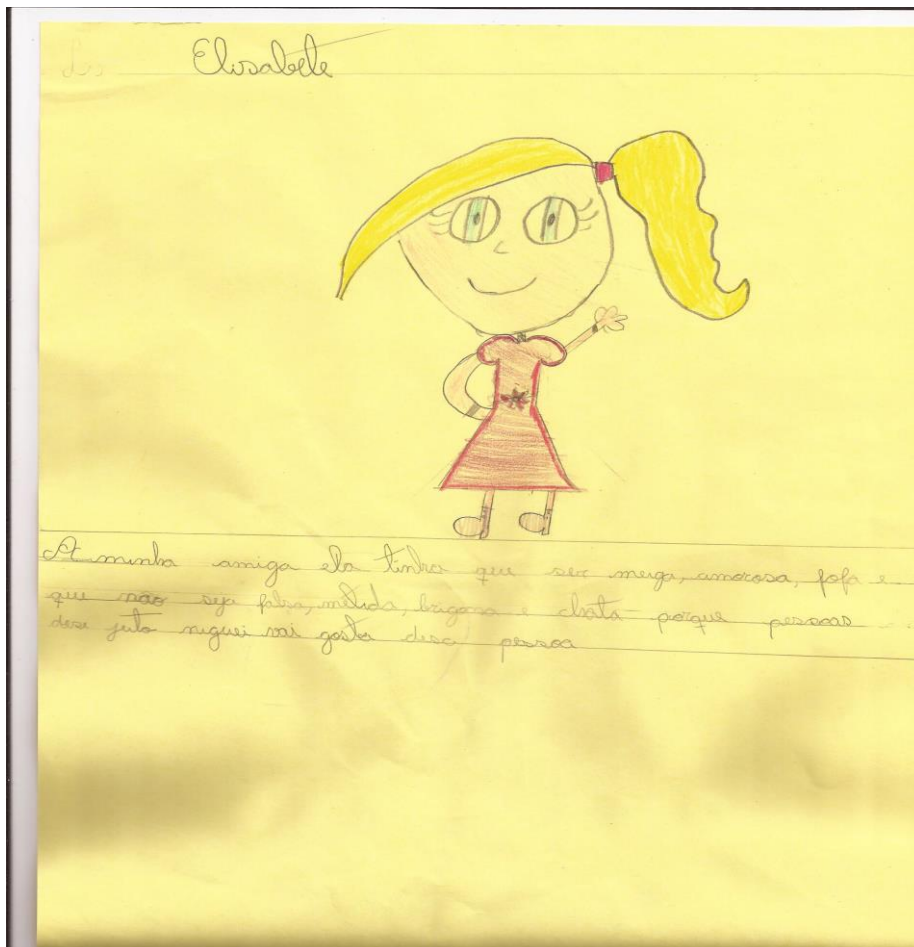
Ao realizarem o autorretrato podemos perceber a interação e o envolvimento dos alunos, pois essa atividade influenciou nas emoções desses sujeitos, eles escreveram e compartilharam as suas experiências, falando um pouco de suas vidas, e alguns até disseram o que pretendiam fazer no futuro (profissões).

9.5 ATIVIDADE 5 - HISTÓRIA: TERESINHA E GABRIELA - RUTH ROCHA.

Ao lermos a história de “Terezinha e Gabriela”, fomos fazendo algumas pausas e comentando junto com as crianças sobre o texto lido. No final fizemos uma discussão e uma reflexão sobre o tema abordado, em que os alunos falavam de suas experiências de vida, retratando os seus relacionamentos de amizade. Destacamos que somos seres humanos distintos, temos amigos e especificidades diferentes e que todos merecem ser respeitados, desse modo reconhecemo-nos nas personagens principais, pois cada um possui características únicas e somos diferentes uns dos outros. Após a discussão do livro, propusemos uma atividade em que cada um iria desenhar um amigo que gostaria de ter descrevendo suas características com qualidades e defeitos.



A ilustração de um amigo de uma aluna do 5º ano.



A ilustração de uma amiga de uma aluna do 3º ano

9.6 ATIVIDADE 6 - PESQUISA NA INFORMÁTICA COM A EXIBIÇÃO DOS VÍDEOS: “A HISTÓRIA DA ESCRITA”; “KIKA: DE ONDE VÊM OS LIVROS” E “A MENINA QUE ODIAVA LIVROS”.

A atividade desenvolvida na sala de informática foi com a apresentação de três vídeos, o primeiro vídeo mostrou o início da escrita, quando ela começou a ser desenvolvida e os primeiros registros. O segundo vídeo retratou de onde veio o livro com a personagem infantil Kika, que questiona de onde vem o livro, através desse vídeo podemos conhecer e descobrir a respeito da história do livro. Como retrata o autor Silva (1985) quando se fala das mudanças que ocorre no meio social:

Por isso mesmo, o processo de leitura apresenta-se como uma atividade que possibilita a participação do homem na vida da sociedade, em termos de compreensão do presente e passado e em

termos de possibilidades de transformação cultural futura. (SILVA, 1985, p.46).

O terceiro vídeo nos mostrou uma menininha que não gostava de ler, mas os seus pais adoravam ler e presenteá-la com livros, mas a menininha não lia nenhum livro e eles ficavam todos empilhados. Até que certo dia ela precisou começar a ler, pois todos os animais das histórias estavam fora dos seus livros. Então ela começou a ler e todos os bichos voltaram para as suas histórias, com isso a menina ficou muito contente após ler os livros, a partir desse dia ela começou a ter a prática de leitura e os pais da menina ficaram orgulhosos e contentes com a atitude da filha.

Desse modo é importante e se faz necessário o incentivo à leitura, de forma que a família também esteja presente nesse processo de aprendizagem do aluno, incentivando-os:

Esse potencial desponta, em termos de conhecimento e ação, a partir do momento em que a criança recebe estímulos socioambientais dentro das relações familiares e sócias específicas. Assim a gênese de dicotomias como “ler x não ler”, “gostar x não gostar de ler”, “atitude positiva x atitude negativa frente a leitura”, “ ler mais x ler menos”, etc., depende, fundamentalmente das incitações do meio sociocultural (família, escola e sociedade), isto é, da quantidade e qualidade dos estímulos encontrados no meio onde vive a criança e das relações que ela trava com esses estímulos (leitores, livros e situações de leitura). (SILVA, 1985, p. 89).

Após assistirmos os vídeos, discutimos sobre a história e a importância que há em saber ler. Foi solicitado aos alunos que realizassem uma pesquisa com as seguintes perguntas “1- O que significa a palavra livro?”; “2- Como era o livro antigamente? De que maneira era feito?”; “3- Qual a importância atribuída ao livro nas sociedades antigas? E hoje que importância o livro tem para nós?”. O trabalho foi pensado de maneira que os alunos pudessem conhecer a história do livro, sabendo a importância desse objeto cultural para a humanidade e que o mesmo já se constituiu de diversos formatos, até se apresentar da maneira que o conhecemos hoje. Assim como Gregorin Filho (2009) nos diz:

Aprender a ler e utilizar-se da literatura como veículo de informação e lazer promove a formação de um indivíduo mais capaz de argumentar, de interagir com o mundo que o rodeia e tornar-se agente de modificações na sociedade em que vive. (p. 51).

9.7- ATIVIDADE 7 - MEU LIVRO PREFERIDO (PESSOAL)

Pensamos em realizar essa atividade para que os alunos pudessem expor os seus gostos literários de forma que fosse compartilhado na sala de aula, que eles soubessem o que cada colega de sala gosta de ler, e ao mesmo tempo podendo dizer sua preferência de leitura. Promovemos esse momento para que houvesse um incentivo de leitura por parte dos colegas, tornando-se interessante para o aluno ouvir o outro de maneira que ele seja instigado a ler.

Só se formam leitores por meio de atividades de leitura, e estas devem ser compatíveis com a competência de leitura do indivíduo, mas devem oferecer meios e estímulos para que o leitor vença outras etapas, consiga decifrar novos códigos e se torne cada vez mais plural. (GREGÓRIN FILHO, 2009, p. 89).

Para realizar essa atividade usamos o espaço do auditório, os alunos do 3º ano foram ao palco apresentar o livro escolhido, já a turma do 5º ano preparou o ambiente do auditório de modo em que as cadeiras estivessem em círculo. Os alunos expuseram o livro com um pequeno resumo falando um pouco da história, dizendo para seus colegas por que esse livro é o seu preferido e se indicaria para outras pessoas o que permitiu que essa atividade fosse bem dinâmica e participativa. Essa atividade foi filmada e fotografada.



Alunas do 3º ano durante a apresentação do livro preferido.



Alunos do 5º ano durante a apresentação do livro preferido.

9.8 - CONVERSA E REFLEXÃO SOBRE O PROJETO DESENVOLVIDO

Em nosso último encontro tivemos um momento de conversa sobre o projeto desenvolvido, na qual os alunos puderam expor suas opiniões, eles relataram que gostaram muito de ter participado das atividades de leitura, nos dizendo que aprenderam bastante. Com isso, percebemos que os momentos foram ricos em aprendizagem e que os alunos gostaram do contato que tiveram com várias histórias infantis trabalhadas, em que foi possível que houvesse um diálogo e uma interação maior com os seus colegas de sala. Então acreditamos que esses momentos devam continuar fazendo parte do cotidiano escolar, em que os profissionais mediadores da leitura proporcionem condições que favoreçam novas possibilidades de trabalho.

Optar pela leitura é então, sair da rotina, é querer participar do mundo criado pela imaginação de um determinado escritor. Ler é, basicamente abrir-se para novos horizontes, é ter possibilidade de experimentar outras alternativas de existência, é concretizar um projeto consciente, fundamentado na vontade individual. Saber ler e executar esse ato, crítica e frequentemente, é, em última instância, possuir mais elementos para pensar sobre a realidade e sobre as nossas condições de vida. (SILVA, 1985, p. 76).

10- CONSIDERAÇÕES FINAIS

“A literatura nos constitui... nos faz pensar quem somos... somos educados pela literatura... nos sentimos transformados pela literatura... a literatura tem algo a nos dizer... muito do que eu sou hoje, eu sou por causa de alguns livros literários que li” (fala da prof^a Dra^a Maria Amélia Dalvi- I Colóquio de Leitura, Literatura e Educação - 2013).

A fala de Dalvi (2013), tomada aqui como epígrafe, nos remete à grande importância do papel da literatura em nossas vidas, tendo o poder de nos envolver e promover a oportunidade de ampliar nossas ideias, transformar e enriquecer a nossa experiência de vida. Dessa maneira, acreditamos na leitura literária: “A literatura, pois é um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a”. (CANDIDO, 1976, p. 74).

Nosso percurso se constitui do seguinte modo: No primeiro capítulo - Literatura infantil: Um breve percurso histórico, no segundo capítulo - Leitura e literatura: O que há nos parâmetros curriculares nacionais, no terceiro capítulo - As práticas de leitura ao longo da história, no quarto capítulo - Princípios teóricos, no quinto - Revisão de literatura, no sexto - Metodologia, no sétimo - Análise de dados e no oitavo - Projeto de intervenção: Viagem pelo mundo da leitura”.

Ao longo da pesquisa de campo constatamos que os alunos da turma do 3º ano já tinham o contato com a literatura infantil, realizando visitas semanalmente à biblioteca escolar e fazendo empréstimos regularmente. No entanto percebemos que as leituras realizadas por eles não eram exploradas na sala de aula, de forma que os alunos não compartilhavam a experiência após a realização da leitura. Acreditamos ser possível falar, questionar e discordar sobre o texto lido, havendo um momento propício junto ao professor e aos colegas da turma. Já os alunos da turma do 5º ano tinham pouco contato com a literatura infantil, no período de observação, percebemos que essa turma não possuía um horário fixo de visita à biblioteca, a professora os levava quando sobrava algum tempo das outras aulas, “o que é muito difícil” (fala da

professora do 5º ano). Alguns alunos costumavam frequentar a biblioteca no horário do recreio. A maioria dos alunos só realizava algum tipo de leitura quando tinham algo a cumprir (atividade). Com isso Silva (1993) assevera que: “Não se forma um leitor com uma ou duas cirandas e nem com uma ou duas condições sociais e escolares, subjacentes à leitura, se não forem consideradas e transformadas” (p. 21).

A escola necessita de realizar um trabalho mais intensificado com a leitura de literatura, em que os alunos se sintam envolvidos podendo aprofundar-se mais nas leituras que realizam, em que possam ouvir, concordar, discordar e criar opinião sobre o que foi lido, havendo uma relação com o patrimônio cultural, tornando-se, assim, capazes de promover um entendimento de mundo, possuindo uma maior compreensão dos fatos que ocorrem ao nosso redor.

O autor Chartier nos fez pensar a respeito de como estão ocorrendo as práticas de leitura nas escolas e como elas deveriam ocorrer, defendendo que a instituição escolar tem o desafio de desenvolver e aprimorar o gosto dos alunos pela leitura, e que com o passar do tempo deve cada vez mais incentivar e apresentar aos educandos a importância que a leitura tem na sociedade, pois é por meio dela que nos inserimos no meio social.

Sabendo da grande dificuldade que algumas escolas têm em relação ao processo da leitura, buscamos desenvolver um projeto de intervenção de leitura literária, intitulado como “Viagem pelo mundo da leitura”; o projeto teve a intenção de proporcionar um contato mais intenso dos alunos do 3º ano que já possuem um contato regularmente com a literatura, mas não havia discussões sobre as obras que liam, e com os alunos do 5º ano que quase não possuíam o contato com a leitura de literatura, procuramos desenvolver atividades literárias diversificadas que pudessem envolver os alunos, possibilitando aos mesmos um contato maior com a leitura literária. Com o objetivo de aproximar com mais veracidade os alunos no mundo da leitura literária, concordamos com Silva (1985) que afirma:

A experiência de leitura, por sua vez, parece exigir mais criticidade por parte de quem a executa. Ao invés de nos “chegar como uma visita”, a fruição de uma obra literária, científica ou informativa é função de uma busca de novos significados, é função de uma vontade consciente em conhecer outras possibilidades de existir (p. 75).

Dessa maneira, Chartier defende que o leitor vai adquirindo ao longo do tempo e das práticas um hábito de leitura, o qual vai fazendo parte de sua vida, tanto acadêmica quanto pessoal, e essas práticas vão se proliferando, sendo construída uma relação entre o leitor e o livro. Acreditando nessa visão, as atividades propostas no projeto “Viagem pelo mundo da leitura” teve o intuito de levar o aluno a ter um contato com diversas obras e autores, para que, com o passar do tempo e das experiências de leituras adquiridas, criem seus próprios gostos e suas próprias escolhas. Em uma das atividades desenvolvidas trabalhamos sobre a história da escrita, os primeiros registros, a importância atribuída ao livro nas sociedades antigas. Foram expostos para os alunos os tipos de suportes de textos que a sociedade já conheceu, desde a invenção do livro até os dias de hoje, mostrando a transformação que esse objeto cultural sofreu e as práticas de leituras, que estão diretamente relacionadas a essas mutações do suporte textual, havendo novas práticas, novos costumes que advém dos novos suportes da nova época vivida, com o objetivo de que os alunos pudessem saber a história do livro e importância desse objeto cultural para a humanidade. Desse modo, Chartier (1991) afirma que:

É preciso considerar também que a leitura é sempre uma prática encarnada em gestos, espaços e hábitos. Longe de uma fenomenologia da leitura que apague todas as modalidades concretas do ato de ler e o caracterize por seus efeitos, postulados como universais, uma história das maneiras de ler deve identificar as disposições específicas que distinguem as comunidades de leitores e as tradições de leitura. O procedimento supõe o reconhecimento de diversas séries de contrastes. (p. 178).

Segundo Chartier as práticas de leitura que ocorrem atualmente são heranças das práticas antepassadas que aconteceram no decorrer da história, levando em consideração que algumas práticas de hoje carregam certos resquícios de épocas passadas. Acompanhamos desse modo ao longo da história, diversas transformações de costumes e hábitos que aconteceram, dentre eles a maneira de se portarem diante de um livro, os gestos, a forma de ler, os lugares escolhidos para realizarem a leitura. E ainda nos diz:

O que me interessa destacar é que o tema que nos ocupa é o da relação entre a história dos textos, qualquer que seja seu estatuto, sua natureza ou sua legitimidade; a história dos livros, que

transportam os textos a seus leitores, e, para terminar, esta misteriosa história da leitura entendida como uma série de gestos, comportamentos, práticas e lugares; além disso, definida como a invenção do sentido de um leitor particular, se bem que esta particularidade se situaria no que este leitor compartilha com os outros leitores e leitoras que pertencem à mesma comunidade de interpretação. (CHARTIER, 2001, p. 161).

As atividades sobre a literatura infantil foram desenvolvidas com uma variedade de materiais que permitiram que os alunos obtivessem o contato com grandes autores literários, conhecendo e se apropriando das histórias infantis e podendo criar um sentido particular para as leituras realizadas, além de explorarem a imaginação, a criatividade e a oralidade. Foi possível ouvir a opinião e o envolvimento desses sujeitos a respeito das histórias e das atividades desenvolvidas durante a pesquisa de campo, momentos em que compartilharam suas práticas e experiências com a comunidade leitora ao qual fazem parte. Durante o desenvolvimento do projeto os alunos se mostraram muito participativos com as atividades programadas, permitindo que o objetivo proposto fosse alcançado. Na participação de algumas atividades individual parte dos alunos ficou envergonhada no início, mas ao final conseguimos que todos participassem. Houve também algumas dificuldades, na realização das atividades coletivas em que era necessário trabalhar em grupo.

No entanto, as turmas pesquisadas são leitoras, pertencendo a uma comunidade leitora, mas o que falta nas aulas são formas de envolver os alunos em atividades de leitura literária permanentes e continuadas, para que eles possam expressar suas opiniões sobre os livros lidos sobre os autores, podendo, desse modo, desenvolver a criticidade do aluno sobre o que está sendo lido. Compreendemos dessa forma a importância que a leitura necessita ter na escola, devendo ser trabalhada efetivamente nesse espaço. No entanto, é preciso que as escolas busquem condições favoráveis além da “feira literária” desenvolvida todos os anos pela escola pesquisada (que é muito importante), mas que durante o ano letivo ocorram outros movimentos que levem os alunos a manterem contato com o meio literário, podendo desenvolver visitas às bibliotecas públicas do Estado (ES), visitas aos sebos, promover contatos com escritores capixabas, tornando essa prática parte da rotina escolar, e, mais além, ir para fora dos muros da escola, favorecendo que a leitura de literatura faça parte da vida do sujeito; e como afirma Dalvi (2013):

Formar leitores que leiam com gosto, com sensibilidade, com “conhecimento de causa” e com discernimento, na escola, fora da escola e para além da escola. O objetivo é formar leitores para a vida no sentido plural desta expressão: leitores para toda a vida e leitores que buscam nos textos literários conhecimento, sabedoria, prazer, crítica - e por que não? - consolação indispensáveis à vida. (p.79).

Esperamos com essa pesquisa contribuir para os estudos literários e os estudos educacionais, a fim de poder colaborar para o ensino e aprendizagem da leitura literária, contribuindo para a formação de leitores críticos que compreendam a complexidade das relações sociais que permeiam o mundo em que vivemos. Dessa forma acreditamos contribuir para a formação dos alunos do 3º e 5º anos do ensino fundamental como alunos leitores e em futuros cidadãos críticos, conscientes do seu papel no meio social. Acreditamos no projeto que desenvolvemos na escola e defendemos que abordagem feita à literatura infantil deva ser constante, durante todo o ano letivo, não acabando quando o projeto acabar.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil** – gostosuras e bobices. 5ª edição: São Paulo: Scipione, 2006.

ALVES, Elizebeth da Costa; CAMARGO, Flávio Pereira. **A prática social da leitura literária e a formação do sujeito leitor**: desafios e perspectivas. 2009. [Projetosaber-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/download/.../2501](http://projetosaber-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/download/.../2501). Acesso em 14 jan.2013.

AZEVEDO, Ricardo. **Formação de leitores e razões para a Literatura**. Artigo publicado em SOUZA, Renata Junqueira de. (org.) Caminhos para a formação do leitor. São Paulo, DCL, 2004. ISBN 85-7338-927-3.

BARBIER, René. **A pesquisa-Ação**. Tradução de Lucie Dio. – Brasília: Liber Livro Editora, 2007.

CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2010.

COLOMER, Tereza. **Andar entre livros**: a leitura literária na escola. [Tradução Laura Sandroni]. – São Paulo: Global, 2007.

COSTA, Marisa Vorraber. **Caminhos investigativos II**: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. Rio de Janeiro, 2002.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Tradução de Maria M. Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa: Difel, 1990.

_____, Roger. **A ordem dos livros leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XVI e XVIII** / Roger Chartier; Tradução de Mary del Priore, Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994. 111p.

_____, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Tradução Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

_____, Roger. **Escutar os mortos com os olhos**. *Estudos Avançados* [online]. 2010, vol. 24, n. 69, p. 6-30. ISSN 0103-4014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142010000200002>. Acesso em 17 dez. 2012.

_____, Roger. **O mundo como representação**. *Estudos Avançados* [online]. 1991, vol. 5, n. 11, p. 173-191. ISSN 0103-4014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141991000100010>. Acesso em 17 dez. 2012.

_____, Roger. Uma iniciativa de Alain Paire. **Práticas da Leitura**. 2ª ed. São Paulo, Estação Liberdade, 2001.

_____, Roger. **Cultura Escrita, Literatura e História**: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguierre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antônio Saborit. – Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001.

_____, Roger. **A aventura do livro do leitor ao navegador**: conversações com Jean Lebrun. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Unep, 2009.

_____, Roger. **Desafios da escrita**. Tradução, Fulvia M.L. Moretto. São Paulo: ED. Da UNESP, 2002.

DALVI, Maria Amélia. Literatura juvenil: uma leitura de lara e a arca da filosofia, de Maurício Abdalla. Texto apresentado durante reunião do GT “Leitura e literatura infantil e juvenil” da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Letras e Linguística. Niterói, RJ: 2012 [mimeo].

DALVI, Maria Amélia; RESEZENDE, Neide Luzia de; JOUVE-Faleiros, Rita. (orgs.). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013.

DAMASCENO, Kelly Katia. **A aprendizagem da docência de professores que atuam no 1º e 2º ciclos do ensino fundamental** – Cuiabá UFMTG/IE, 2006.124p.

GREGORIN FILHO, José Nicolau. **Literatura Infantil**. Múltiplas linguagens na formação de leitores. São Paulo: Editora: Melhoramentos, 2009.

LANTIMAN, Dayanni Ribeiro. ROCHA, Lorena Alves e VICENTE, Olga Karina Ramos. **A colaboração entre os profissionais da educação: perspectivas para a construção de práticas pedagógicas inclusivas** – Vitória/ES, 2013.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. **Leitura, Literatura e escola**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MAROTO, Lucia Helena. **Biblioteca escolar, eis a questão!** Do espaço do castigo ao centro do fazer educativo. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2009.

NEVES, José Luis. **Pesquisa Qualitativa – Características, usos e possibilidades**. São Paulo, 1996.

NEVES, Vanessa Ferraz Almeida. **Pesquisa-ação e Etnografia: Caminhos Cruzados**. Pesquisas e Práticas Psicossociais, v. 1, n. 1, São João del-Rei, jun. 2006.

PEREIRA, Ana Carolina. OLIVEIRA, Gislaíne Ciumara de. **Leitura e literatura: formando leitores críticos e reflexivos**. CELLIJ, Faculdade de Ciências e Tecnologia / UNESP /Presidente Prudente. Núcleo de Ensino. 2004.

RAMOS, Flávia Brocchetto; ZANOLLA, Taciana. **Signo. Literatura na escola: Entre o real e o possível**. Santa Cruz do Sul, v. 33 n. especial, p. 76-87, jul., 2008. <http://online.unisc.br/seer/index.php/signo/index>.

RAMOS, Flávia Brocchetto. PANOZZO, Neiva Senaide Petry e ZANOLLA, Taciana. **Práticas de leitura literária em sala de aula** - Revista Iberoamericana de Educación (ISSN: 1681-5653) Universidade de Caxias do Sul com apoio da FAPERGS e do CNPq, Brasil, 2008.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura e realidade brasileira** - 2. Ed. Porto Alegre: Mercado aberto, 1985.

_____, Ezequiel Theodoro da. **Elementos da pedagogia da leitura**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes. 1993.

SILVA, Ivanda Maria Martins. **Literatura em sala de aula: da teoria literária à prática escolar.** V - Melhores teses e dissertações. Anais do Evento PG Letras 30 Anos Vol. I (1): 514-527/ 2003.

SILVA, Sandra Alves da. **A Leitura Literária e a Formação de Leitores nas 3as e 4as séries do Ensino Fundamental da cidade de Paranaíba.** Maringá 2005.

APÊNDICE

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROJETO

“VIAGEM PELO MUNDO DA LEITURA”

Pesquisadoras: Ana Cintia Alves Machado

Sarana Lelis de Sousa

VITÓRIA/ES

2013

TEMA CENTRAL: Leitura literária

APRESENTAÇÃO

O presente projeto “**viagem pelo mundo da leitura**” será desenvolvido nas turmas do 3º e 5º anos do ensino fundamental da rede municipal de Vitória, em uma escola localizada em Jardim da Penha, com o intuito de proporcionar uma vivência maior com a leitura que se faz presente no meio social ao qual estamos inseridos.

Entretanto é necessário criar condições para que a leitura seja realizada de forma prazerosa despertando o desejo do aluno, e para promover esse desejo iremos conversar com a turma sobre seus interesses e gosto pela leitura. Apresentando-lhes a leitura literária como uma forma de interação com o mundo social, aguçando o seu senso crítico.

JUSTIFICATIVA

Sabendo a importância que a leitura traz para os alunos em processo de formação escolar e em sua formação do pensamento crítico, este projeto tem o interesse de inserir no cotidiano do aluno o hábito da leitura. Possibilitando meios de inserção no meio literário, apresentando oportunidades de explorar novos livros, desenvolvendo o gosto pela leitura.

OBJETIVOS

- Incentivar a prática (vivência) / Introduzir o hábito da leitura;
- Interagir com o suporte textual (livro) de maneira prazerosa;
- Ampliar o universo cultural;
- Confrontar interpretações;
- Articular argumentos que sustentem seu ponto de vista;
- Compartilhar experiências leitoras;
- Apresentar os diversos tipos de suportes de leitura;
- Apresentar os gêneros literários.

CRONOGRAMA DO CONTEÚDO

PLANEJAMENTO DAS AULAS DA TURMA DO 3º ANO		
Nº de Aulas	Datas	Conteúdos
01	01/08/2013	Conversa inicial sobre o projeto e suas finalidades. / Aplicar os questionários.
02	05/08/2013	História: Marcelo, Marmelo, Martelo. / Reflexão a respeito da história. Atividade: Produção de texto: Dicionário.
03	08/08/2013	História: O Reizinho Mandão. / Reflexão a respeito da história. Atividade: Criar regras para a sala de aula e para a escola.
04	09/08/2013	Apresentação Teatral com fantoches. (cada criança irá montar um texto).
05	12/08/2013	História: O Menino Maluquinho. / Reflexão a respeito da história. Atividade: Autorretrato.
06	15/08/2013	História: Teresinha e Gabriela. / Reflexão a respeito da história. Atividade: Ilustração e escrita.
07	16/08/2013	Pesquisa na Informática. Exibição dos vídeos: A história da escrita; Kika, de onde vêm os livros; A menina que odiava livros.
08	23/08/2013	Meu livro preferido (pessoal). Atividade: realizar um comercial do livro. Conversa e reflexão sobre o projeto desenvolvido. Agradecimentos e despedida.

PLANEJAMENTO DAS AULAS DA TURMA DO 5º ANO		
Nº de	Datas	Conteúdos

Aulas		
01	29/07/2013	Conversa inicial sobre o projeto e suas finalidades. / Aplicar os questionários.
02	02/08/2013	História: Marcelo, Marmelo, Martelo. / Reflexão a respeito da história. Atividade: Produção de texto: Dicionário.
03	05/08/2013	História: O Reizinho Mandão. / Reflexão a respeito da história. Atividade: Criar regras para a sala de aula e para a escola.
04	09/08/2013	Pesquisa na Informática. Exibição dos vídeos: A história da escrita; Kika, de onde vêm os livros; A menina que odiava livros.
05	12/08/2013	História: Teresinha e Gabriela. / Reflexão a respeito da história. Atividade: Ilustração e escrita.
06	15/08/2013	Apresentação Teatral com fantoches. (cada grupo irá criar uma história).
07	16/08/2013	História: O Menino Maluquinho. / Reflexão a respeito da história. Atividade: Autorretrato.
08	23/08/2013	Meu livro preferido (pessoal). Atividade: realizar um comercial do livro. Conversa e reflexão sobre o projeto desenvolvido. Agradecimentos e despedida.

DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES

Aula 01:

- **1ºMomento:** Conversa inicial com a turma em relação ao projeto que será desenvolvido.

- **2º Momento:** Aplicar os questionários para os alunos, para a pedagoga, para a bibliotecária e para a professora regente da turma.

Aula 02:

- **1º Momento:** História “Marcelo, Marmelo, Martelo” – fazer uma reflexão da história; será feito, uma roda de conversa em que todos os alunos poderão se expressar.
- **2º Momento:** Atividade: Criar um dicionário personalizado, em que os alunos irão inventar novos nomes que darão significados.

Aula 03:

- **1º Momento:** História “O reizinho mandão” - fazer uma reflexão da história em que todos terão a oportunidade de expressar sua opinião. Explicar que a sociedade da qual fazemos parte necessita de regras para haver uma organização social. Expor exemplos de regras que devemos seguir para termos uma convivência harmônica.
- **2º Momento:** Atividade: Criar regras para a sala de aula e para escola, que ajudarão na organização do espaço proporcionando um melhor convívio no ambiente escolar.

Aula 4:

- **1º Momento:** Exibição dos vídeos: A história da escrita; Kika, de onde vêm os livros; A menina que odiava livros.
- **2º Momento:** Pesquisa na informática, com as seguintes perguntas:
 1. O que significa a palavra livro?
 2. Como era o livro antigamente? De que material era feito?
 3. Qual a importância atribuída ao livro nas sociedades antigas? E hoje que importância o livro tem para nós?

OBS: ocorreu na aula 07 para a turma do 3°.

Aula 05:

- **1º Momento:** História “Teresinha e Gabriela” – fazer uma reflexão da história na qual todos terão a oportunidade de expressar sua opinião. Será levantada a questão exposta na história.
- **2º Momento:** Atividade: As crianças terão que inventar um amigo que gostariam de ter, e em uma folha A4 desenharão esse amigo descrevendo-o com as qualidades e defeitos.

OBS: ocorreu na aula 06 para a turma do 3°.

Aula 06:

- **1º Momento:** Iremos levar diversos fantoches de diferentes personagens para haver uma apresentação teatral com fantoches. As crianças serão divididas em grupos e terão um tempo (20 minutos) para criarem uma história de acordo com os fantoches escolhidos.
- **2º Momento:** Apresentação teatral dos grupos.

OBS: ocorreu na aula 04 para a turma do 3°.

Aula 07:

- **1º Momento:** História “O menino maluquinho” - fazer uma reflexão da história em que todos terão a oportunidade de expressar sua opinião.
- **2º Momento:** Atividade: As crianças irão criar uma história falando de si mesmo tendo o exemplo da história “o menino maluquinho”. A história criada pelo aluno terá como título: O(a)_____maluquinho(a) (no espaço em branco - nome do aluno). E depois fazer o seu autorretrato, não se esquecendo da panela na cabeça, que é a marca do menino maluquinho.

OBS: ocorreu na aula 05 para a turma do 3°.

- OBS: Lembrar os alunos de levarem um livro de uma história preferida para trabalharmos na próxima aula.

Aula 08:

- **1º Momento:** Iremos produzir um comercial de livros: Cada criança irá apresentar o seu livro, contando a história e dizendo por que esse livro é o seu preferido e deve ser lido por outras pessoas. (A apresentação do comercial será gravada).
- **2º Momento:** Conversa e reflexão sobre o projeto desenvolvido. Nesse momento iremos expor a importância do projeto desenvolvido e iremos ouvir as opiniões dos alunos e da professora sobre o mesmo. Agradecimentos e despedida.

RECURSOS MATERIAIS:

- Sala do auditório;
- Sala de informática;
- Livros;
- Câmera fotográfica;
- Papel cenário;
- Folha A4;
- Lápis de cor;
- Lençol;
- Fantoches.

AVALIAÇÃO

Serão analisadas as formas de envolvimento dos alunos e suas falas, verificando assim a participação de cada um e sua opinião sobre as atividades

propostas, questionando-os de que forma o projeto contribuiu para o processo de aprendizagem dos mesmos.

REFERÊNCIAS

PINTO, Ziraldo Alves. **O menino maluquinho**. 47. Edição: São Paulo: Melhoramentos, 1980.

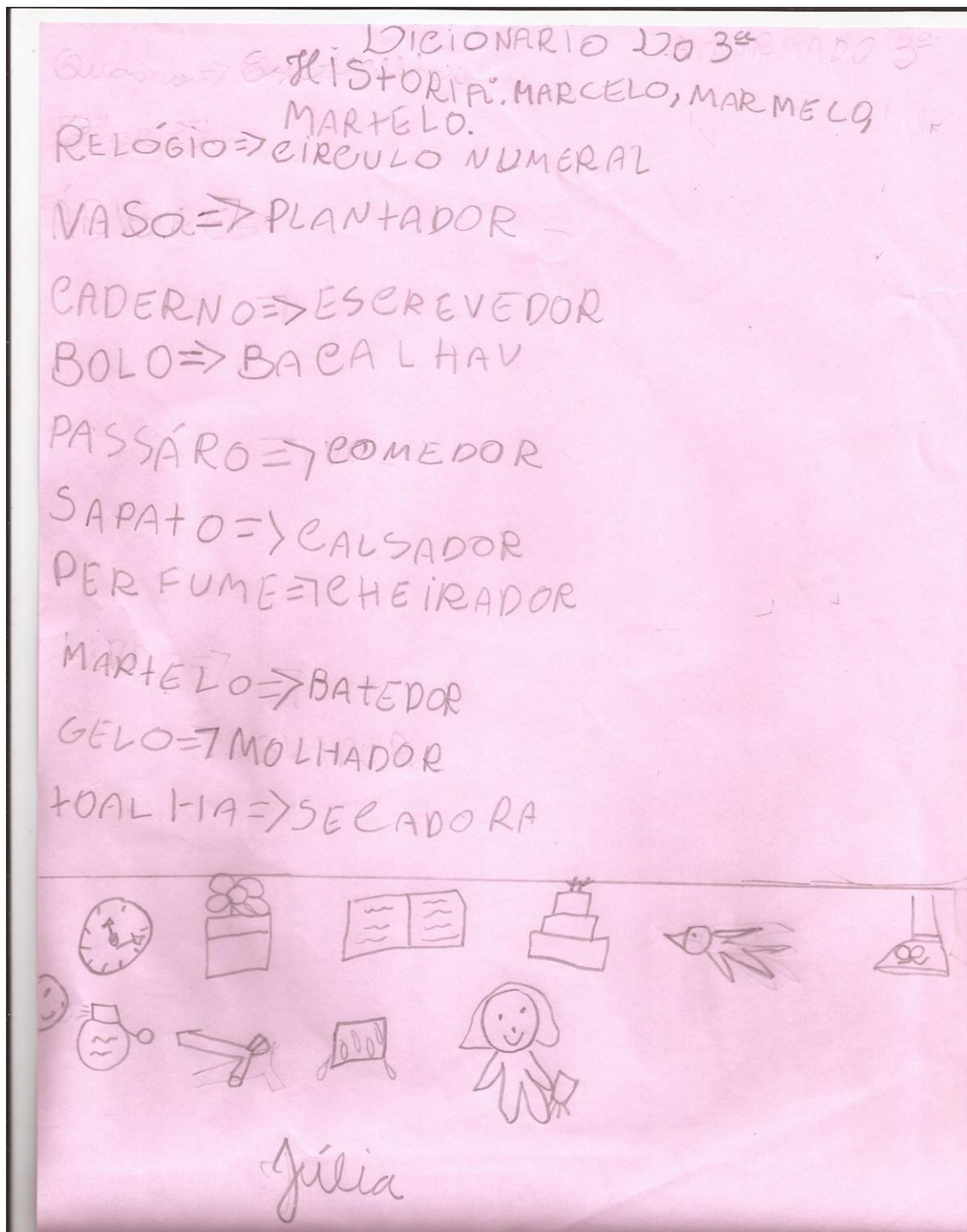
ROCHA, Ruth. **Marcelo, martelo, marmelo e outras histórias**. Ilustrações Adalberto Cornavaca : 2. Edição: São Paulo: Salamandra, 1999.

ROCHA, Ruth. **O reizinho mandão**. 1. Edição: Quinteto Editorial, 1997.

ANEXO

ATIVIDADES REALIZADAS PELOS ALUNOS DO 3º ANO e 5º ANO:

História: Marcelo, Marmelo, Martelo – Ruth Rocha



3° Ano.

* * * * *

Name: _____

* * * * *

Marcela, Marmela, Martela

♥ "Meu pequeno dicionário" ♥

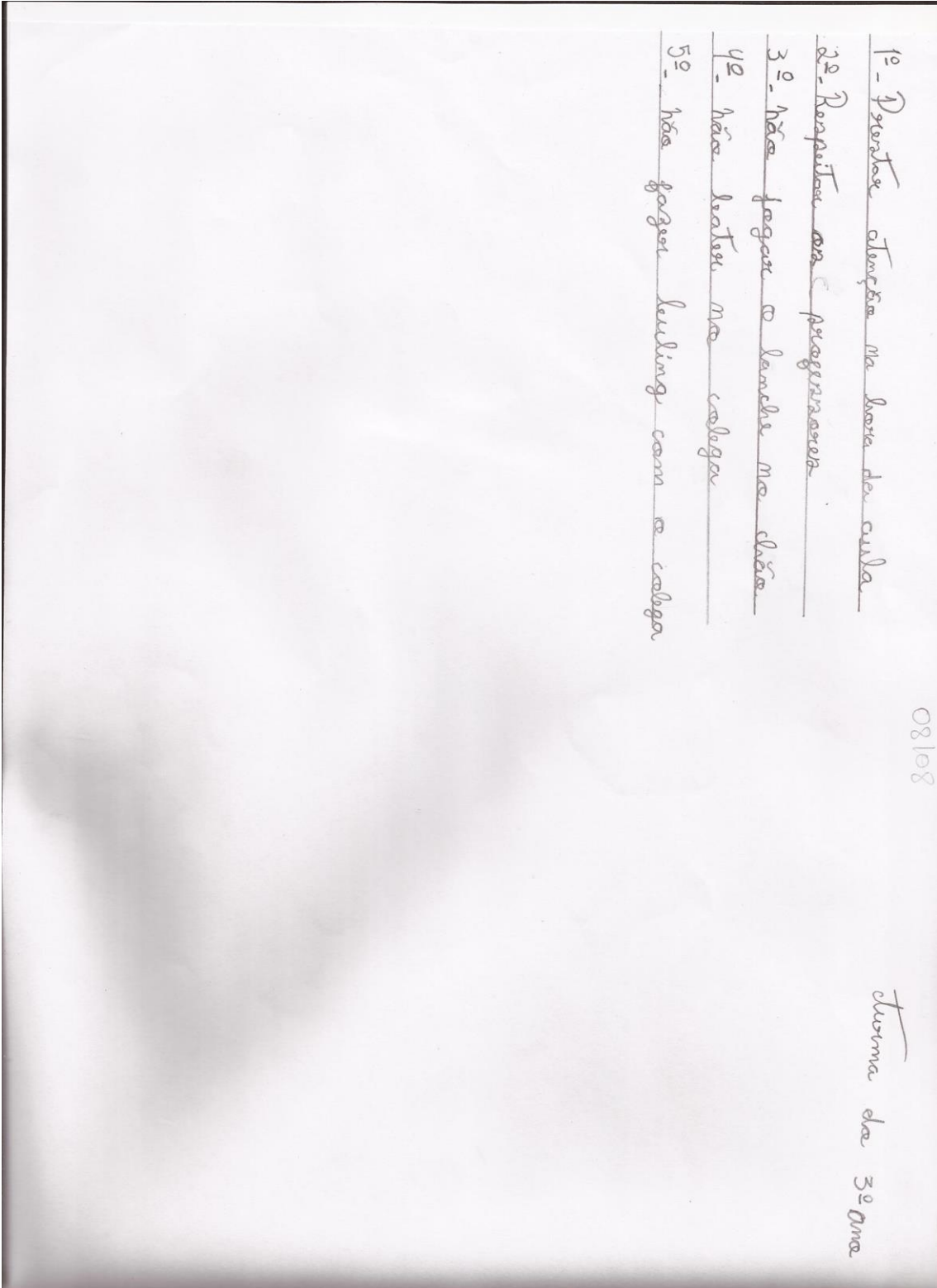
✿

Bonacha = Desmanchado.
 Sapigero = Enxofre.
 Pacote = Guardar-de-lapiz.
 Rígua = Linhado.
 Raupa = Vestidoria.
 Armario = Guardadeira.
 Meça = Apaindino.
 Lapis de cor = Coroa.
 Dixeira = Não utilizado.
 Pincel = Desenho.

* * * * *

5° Ano.

História: O reizinho Mandão – Ruth Rocha




Alunos:

Regras:

- 1- Não correr pela sala
- 2- não masturar chiclete na sala
- 3- Não gritar na sala
- 4- Não esquecer o caderno no dia certo
- 5- Nunca deixar de fazer dever de casa
- 6- Quando bate o sinal ir para fila
- 7- Sempre vir de uniforme
- 8- Não gritar com o professora
- 9- não comer na sala.
- 10- ~~...~~




História: O menino Maluquinho – Ziraldo



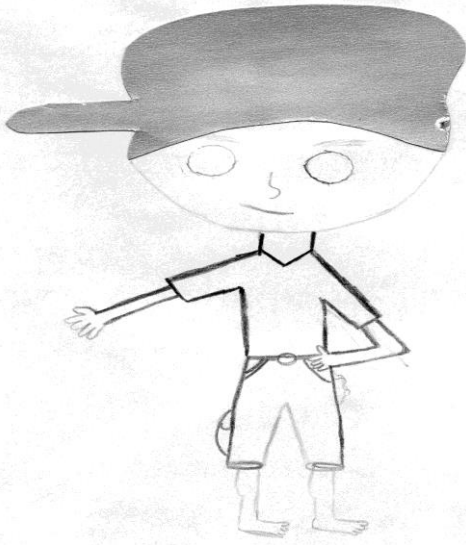
Meu nome é Luiza Portade Pacheco.
 eu tenho 9 anos.
 nasci no dia 01 de julho de 2004.
 moro com minha mãe e meu pai.
 tenho duas irmãs e um irmão.
 eu gosto de brincar de pique-pique, rabiola, pique-
 gelo, pastelão, biscoito, sanduíche, sorvete e etc.
 tenho muitos amigos na escola e fora da escola.
 eu lizo muitos livros com minha mãe, meu pai
 e minhas amigas e tudo de bom tem muitas am-
 gos. essa é a minha vida.

Luiza A. Maluquinho



Eu gosto de brincar com meus ami-
 gos, também de passear com a
 minha família eu gosto de brin-
 car de pique e de comer na va-
 randa de casa e sair para
 lanchar.

Esther A. Maluquinho



Zinga Maluquinha

meu nome é Zinga Maluquinha tenho 13
anos moro no bairro no ano de 2011
quando eu fui criada nos dias em
quanto meu pai e eu a minha mãe
do mundo para não por isso eu gosto de
e a Maria eu adoro minha mãe.



Clarinha
Maluquinha!

meu nome é: Luana Clara Vieira Gonçalves
Tenho 10 anos.

Gosto de brincar de bola e pique-bolote.
minha comida preferida é lasanha
Quando eu crescer vou ser jogadora de
vôlei.

Também gosto muito de andar de bicicleta
com meus amigos.
morei em Jards Botelho no bairro
Universitário na rua Flor de maio
de frente para a garagem de Grande
Vitória!

História: Terezinha e Gabriela

Saber é seguir com a meta de lutar
 Com a vida de todos mundo
 e inteligente depende. Toda mundo ele
 sabe. É a meta no computador ele é
 diferente dele se tem sempre sem
 ser a prática então ele para pra ele
 ele sempre que ele não





OTAKU

SKATISTA

ROCKEIRO

QUEFENHA

Coloquem comentários e desenhos

dentro de

que gosto de que eu gosto